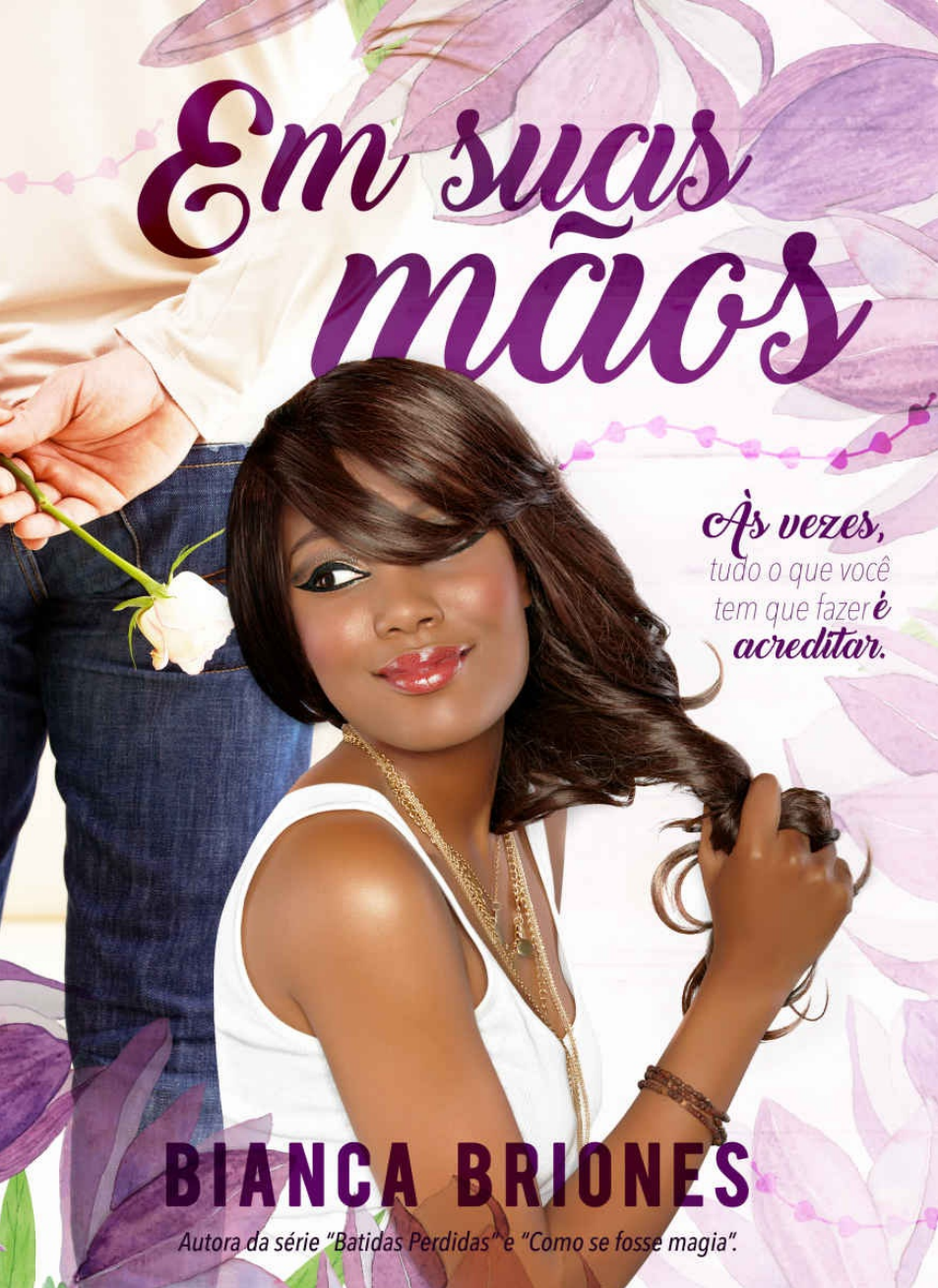
Em suas mãos



Às vezes, tudo o que você tem que fazer *é* ***acreditar.***

BIANCA BRIONES

Autora da série "Batidas Perdidas" e "Como se fosse magia".

Em SUAS mãos



Às vezes,
tudo o que você
tem que fazer *é*
acreditar.

BIANCA BRIONES

Autora da série "Batidas Perdidas" e "Como se fosse magia".

Em suas mãos

Às vezes, tudo o que você tem que fazer é acreditar.

BIANCA BRIONES

Autora da série "Batidas Perdidas" e "Como se fosse magia".

Copyright © 2016 Bianca Briones

Capa: Lari Azevedo
Diagramação: Lari Azevedo

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo

Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados. *São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.*

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta história é dedicada a todos que, por proteção,
acabaram criando um muro em volta do coração.
Que nenhuma barreira dure para sempre.

Às vezes, tudo o que vocês precisam fazer é acreditar.



I am changing, gonna get my life together now

I am changing, yes, I know how
I'm gonna start again, I'm leaving my past behind
I'll change my life-I'll make a vow
And nothing's gonna stop me now

"***I Am Changing" - Jennifer Hudsun***[1]

AOS NOVE ANOS

"Será que os adultos sabem que as crianças conseguem ver quando eles estão tristes?"

Estreito os olhos e observo as marcas fundas no rosto da minha mãe.

— Já vai ser a vez de vocês. — Ela dá um sorriso, que não engana ninguém, para mim e para a minha irmã Letícia.

Estamos cada uma de um lado, segurando sua mão. Troco um olhar com Letícia. Ela balança a cabeça, me dizendo em silêncio para eu não perguntar nada. Ela é minha irmã mais velha e sempre quero rebater dizendo que ela não manda em mim, mas, dessa vez, ela está certa. Não vou perguntar onde está o papai.

Ontem, Letícia e eu ouvimos uma conversa da mamãe com a vovó. Parece que vamos morar com ela agora. Parece também que a mamãe perdeu o emprego por faltar muito. Não entendi bem a razão. A tristeza pode

deixar a gente doente e ela estava muito, já que não saía da cama.

Ouvi uma amiga da mamãe dizendo que o amor que a deixou doente, que quando a gente se apaixona pela pessoa errada, a consequência é sempre dor.

Passo a mão pela faixa que cobre a queimadura no meu braço, resultado de tentar ajudar a Letícia a fazer uma sopa para a mamãe.

Lembro dos gritos, quando a panela virou sobre o meu braço. Os meus gritos. Os gritos da Letícia. E, finalmente, os gritos da mamãe.

Quando a dor passou, lembro de me perguntar por que não gritamos antes. Ela saiu do quarto assim, não é mesmo? Mas descobri que gritos não funcionam com o papai. Ele não veio nem assim. A Letícia disse que é

porque ele está longe demais para nos escutar.

Não entendi muito bem porque a vovó estava bem longe, mas ela nos escutou. Ela veio correndo, abriu suas asas gigantescas e disse que vamos morar ali agora, dentro dela. Também não entendi bem o que ela quis dizer. A Letícia diz que é assim mesmo: sou pequena e não tenho que entender nada.

É onde estamos agora, em Quatro Estações. É uma cidade colorida e eu amo cores.

É quase Natal e esse ano não consegui escrever minha carta para o Papai Noel, mas descobri que ele passa um bom tempo nessa cidade. Há uma casa vermelha, verde e branca muito linda no meio da praça central.

Uma menina passa por mim e dá uma lambida no seu pirulito, pulando bem alegre perto do pai e da mãe

dela. Acho que ela não sabe que seu pai pode ir embora a qualquer momento. Melhor assim.

— Venham, meninas. — Minha mãe diz em meio a um suspiro e caminha pelo tapete vermelho em direção à casa do Papai Noel.

Letícia solta sua mão e vai na frente. Não sei o que ela pede para ele. Combinamos que nosso pedido tinha que fazer sentido e tinha que ser importante. Pensei bastante nisso.

Minha irmã fica alguns minutos com ele e depois volta para perto de nós, me olhando atentamente. O que será que ela pediu?

O Papai Noel estende a mão e eu me aproximo, devagar. Uma de suas ajudantes se abaixa, perto de mim. Seu sorriso é o maior que eu me lembro de ter visto nessa

vida.

— Cuidado com o que deseja, pequena. — Ela me aconselha, como se soubesse um segredo.

— Eu pensei bastante. — Minha voz sai firme e decidida.

— Às vezes, a dor faz com que a gente pense que sabe exatamente o que quer. — Olho confusa para a faixa em meu braço e ela continua. — Ah, não é esse tipo de dor. É esse. — Ela toca meu coração.

Hesito um pouco e minha mãe sorri outra vez, distante o suficiente para não ouvir o que essa moça me disse.

— Eu pensei bastante. — Repito, erguendo os ombros.

— Tudo bem. — Ela toca meu ombro para que eu

percorra a distância que falta, mas ainda consigo ouvi-la. — Não há dor que não possa ser curada pelo amor.

E, então, finalmente eu me sento no joelho do Papai Noel e quando ele pergunta qual é o meu pedido, digo com toda a certeza do meu coração:

— Nunca me apaixonar.



It's been a while, I'm not who I was before
You look surprised, your words don't burn me anymore
Been meaning to tell you, but I guess it's clear to see
Don't be mad, it's just the brand new kind of me[2]

"Brand New Me" – Alicia Keys

VINTE E TRÊS ANOS DEPOIS

— Entraremos em recesso e teremos uma nova audiência em trinta dias.

Ouço a voz do juiz, sem acreditar no que está acontecendo, mas minha expressão é impassível. O advogado de defesa conseguiu encontrar uma brecha no caso e ganhou mais tempo para encontrar uma solução que faça seu cliente não precisar pagar a indenização a uma série de pessoas que foram lesadas por um vazamento químico de uma grande empresa.

— E agora? — Ricardo, o representante dos clientes, me pergunta.

— Agora continuamos lutando. — Não interrompo o contato visual enquanto respondo. — Não vamos desistir.

Ricardo se tranquiliza com minhas palavras e dou um sorriso, sem demonstrar minha preocupação. Eu disse a verdade: não vou desistir, mas sei que não será uma causa fácil.

Quarenta minutos depois, entro no escritório e vou direto para a minha sala. Eu me sento em minha cadeira, apoio a cabeça no encosto, fecho os olhos e inspiro profundamente.

Ao reabrir os olhos, observo o escritório à minha volta. A decoração elegante e discreta. Reflito sobre como me sinto segura e realizada neste lugar e o quanto lutei para conquistar o que tenho. Ser advogada em um dos escritórios mais respeitados de São Paulo gera uma montanha russa de emoções. Relembro de cada batalha perdida no tribunal. Depois me concentro em cada pessoa

que ajudei. Cada causa ganha. Cada vez que sorri ao ter a certeza de que a justiça foi feita.

Trabalho no escritório de advocacia Albuquerque e Filhos desde a minha época de estagiária. Fui assistente por um bom tempo e aprendi tanto que não seria capaz de mensurar.

Meu celular pisca com uma mensagem da minha irmã e me distrai. Tamborilo os dedos sobre a mesa e decido responder mais tarde.

Minha assistente aparece, com a agitação brilhando no olhar. Nada corre tão rápido nesse lugar quanto más notícias no tribunal.

— Traga todo o material sobre o caso. — Digo a ela, ignorando mais uma mensagem da minha irmã.

Ela sai apressada e me dou conta do quanto

mataria por uma xícara de café. Estou prestes a me levantar e ir eu mesma buscar quando minha porta se abre outra vez.

— Precisa de ajuda? — A voz tranquila de Bernardo Albuquerque, um dos sócios do escritório é tão benéfica quanto o aroma do café que ele traz. — Branca sempre bebe um litro de café quando um caso não vai muito bem. — Ele se refere a sua irmã e também sócia.

— Nós aprendemos isso com...

— Meu pai. — Ele completa, referindo-se ao dono e fundador da Albuquerque e Filhos.

— Café, se ainda precisarmos de uma solução. E vinho, se tivermos vencido. — Cito uma das frases de Túlio Albuquerque, meu mentor, ao sorver um gole da bebida quente.

Minha assistente entra na sala empurrando um carrinho com uma porção de caixas recheadas de arquivos. Ela sorri, agradecida, quando Bernardo começa a tirar as caixas e as colocar sobre a mesa de centro.

Ela verifica se preciso de mais alguma coisa e depois de ouvir minhas instruções, sai. Bernardo abre uma caixa e tira uma pasta lá de dentro. Ele passa a mão pelos cabelos loiros e se vira para mim, os olhos verdes demonstrando preocupação genuína. Deve ter suas próprias causas para trabalhar, mas assim é o Bernardo. Ele nunca nega ajuda.

— Do que precisa? — Pergunta, sentando-se no sofá no canto da sala e começando a ler.

— Eu diria que de um milagre, mas milagres não resolvem casos.



É tarde da noite. Bernardo foi a uma reunião mais cedo e fiquei sozinha na sala. Observo meu reflexo na janela de vidro. O rosto sereno, a pele negra contrastando com a camisa de seda creme. Os cílios longos, os cabelos escuros presos em um coque que fiz após o almoço, os lábios grossos de onde escapa um suspiro, um sinal de cansaço. É hora de ir para o meu apartamento.

Fecho o arquivo à minha frente. Ainda não descobri nada que possa me ajudar a ganhar a causa. O celular começa a vibrar. É minha irmã outra vez e sei que ela não vai desistir até que eu a atenda.

— Alô.

— Caramba, Luiza, já achei que estava me evitando. — Seu tom demonstra uma mistura de mágoa e irritação.

— Eu estava. — Deixo meus ombros caírem, sem esconder a verdade.

— Engraçadinha. — Ela murmura.

— Eu falei sério. — Há uma gota de divertimento em minhas palavras.

— Então — Ela ignora meu comentário. — Você vem hoje ou amanhã?

Ah. Meu. Deus.

Eu me esqueci do aniversário da vovó!

— Creio que...

— Ah, não me enrola.

Dou uma risada nervosa. Era exatamente o que eu estava tentando fazer. É incrível, mesmo sendo uma advogada bem sucedida, que consegue se sair bem em qualquer situação tensa, quando diz respeito à minha família, ainda pareço uma criança.

Abro a boca para dizer que estou no meio de um grande caso e que não vou conseguir viajar até Quatro Estações, mas o sorriso doce da minha avó surge em meus pensamentos. Ela me entenderia e não me recriminaria. E é justamente por isso que eu preciso ir.

— Chego amanhã à noite. — Guardo alguns documentos que passarão à noite comigo. — Tenho algumas reuniões durante o dia, mas chegarei um pouco antes do jantar.

— Boa menina. — Seu tom agora é diferente. Sua

alegria habitual retorna. — Te amo, Lulu. — Ela usa meu apelido de infância e meu peito se enche de saudade.

— Também te amo, Lelê. Até amanhã.

Desligo o celular e o guardo na bolsa. Minha sala está repleta de caixas e arquivos. Fico um pouco apreensiva porque sei que preciso ganhar esse caso. Mas também preciso ir ver minha família. Não adiantaria nada ajudar todas as pessoas do mundo se eu abandonasse aquelas que são essenciais para mim.

Bocejo, exausta. Não durmo mais do que quatro horas há meses. Saio do escritório, cansada, mas ciente de que tomei a decisão certa.

Será bom voltar para casa.



That's why I'm easy
I'm easy like Sunday morning
I wanna be high, so high
I wanna be free to know the things I do are right[3]

"Easy" – Lionel Richie

— Ei, cuidado com as plantas! — Disparo para o chefe da obra ao vê-lo descarregar um saco de cimento muito perto de uma caixa de mudas.

É sempre assim. É quase impossível manter o meu

material ileso toda vez que uma construção está sendo concluída ao mesmo tempo em a execução de um jardim. E não há nada que me deixe mais estressado do que isso, pelo simples fato de que a maior parte do meu material é viva: mudas, plantas, árvores.

Não é tão difícil assim entender que é preciso cuidado.

Eu passo por ele e me abaixo perto das mudas, resvalando os dedos sobre elas. A certeza de que estão bem me tira um sorriso.

— Tudo bem com as plantinhas? — Eduardo caçoa e o ignoro.

Não é a primeira vez que dividimos o mesmo espaço em uma obra e não me lembro de nenhuma vez que tenha sido tranquila.

Há dois tipos de pessoas: aqueles que entendem o que a natureza significa e aqueles que são idiotas. Quando lidamos com o segundo caso, não adianta argumentar.

Dou as instruções necessárias aos meus homens e os aviso que voltarei no final do dia. Preciso visitar mais duas obras, falar com fornecedores, passar na estufa da minha cliente mais antiga e me encontrar com um amigo.

Entro no meu jipe, confiro o horário das duas reuniões no celular, depois o jogo no banco do passageiro e ligo o motor.



Demorei mais do que pretendia resolvendo as pendências da tarde e chego a Cotia, cidade de São Paulo,

e onde fica a casa de Monique Albuquerque, a cliente mais antiga, por volta das 17h. Estamos no horário de verão e o sol ainda brilha forte.

— Olá, menino! — A bonita senhora me cumprimenta. Deve ser a única pessoa que me chama assim, mesmo que, aos trinta e quatro, eu esteja longe de ser um menino.

— Olá, Monique. Como vai? — Dou um beijo em seu rosto.

— Muito bem. E melhor agora que você chegou. Preciso te mostrar as novas mudas. — Ela agita a mão para que eu a acompanhe até sua estufa.

Passamos pela piscina com borda infinita, parte do meu projeto, quando transformei o jardim da casa no que é hoje.

Dou um sorriso orgulhoso, que se alarga ainda mais ao entrar na estufa e ver que Monique continua fazendo um trabalho incrível. Ela me chama de menino, em referência ao Menino do Dedo Verde, mas creio que tenha tanto dom de lidar com a terra quanto eu. E não podia ser diferente, afinal, ela foi minha mentora e principal investidora.

A minha vida estava uma bagunça há cinco anos. Em um instante eu era dono de um bar badalado e no outro estava falido e me divorciando. E para a minha agonia uma coisa teve a ver com a outra. As dívidas aumentaram mais a cada dia depois da minha ex ter limpado a minha conta com a ajuda do meu melhor amigo, para em seguida sumirem no mundo juntos. Sem contar o que tudo isso fez à minha irmã.

Aprendi que, infelizmente, às vezes depositamos nossa fé em pessoas erradas e essa confiança pode nos custar tudo. É difícil se reerguer quando alguém te apunhala no peito, olhando bem dentro dos seus olhos.

Acabei perdendo meu bar, minha casa e, por um tempo, achei que seria muito difícil recomeçar. Precisei passar um tempo com minha mãe e irmã. Comecei a fazer bicos aqui e ali.

Eu sempre amei paisagismo e, mesmo formado em Administração de Empresas, nunca deixei de aprender mais e mais sobre aquilo que fazia tão bem. Um dia fui levar minha mãe ao salão de estética em que ela trabalhava. Havia um pequeno jardim em frente a ele e percebi que ele estava prestes a ser tomado por praga. Sem pensar muito comecei a remover as pragas e a cuidar

dele.

Estava admirando o resultado do meu trabalho quando uma senhora loira e bastante curiosa saiu do salão e se aproximou de mim.

— Finalmente alguém notou o que estava me consumindo. Avisei a dona do salão, mas, por Deus, nem todas as pessoas têm bons olhos para isso. Parabéns. Se estiver com a agenda livre, eu gostaria de pedir um orçamento para que cuide do meu jardim.

— Ah, eu só... — Procurei as palavras, coçando a cabeça.

— A Helena me disse que você tem muito talento com jardinagem — Ela me interrompeu, se referindo à minha mãe. — e o meu jardineiro me deixou na mão. Eu mesma gosto de cuidar da maior parte, mas preciso de

ajuda. Está disponível?

Ainda estava pensando no que dizer quando ela me falou o valor que estava disposta a pagar. Nunca pensei em ganhar dinheiro fazendo o que amava. E talvez esse tenha sido o meu maior erro. Ou não, eu precisava que aquela senhora apaixonada por natureza surgisse em minha vida.

Da mesma forma que as pessoas em quem mais devemos confiar podem nos trair, o universo trata de equilibrar as coisas trazendo para perto de nós aqueles que nos fazem bem porque isso é o certo a se fazer.

Ela me trata como se eu fosse da família e até engana algumas pessoas que não nos conhecem, afinal, nos parecemos e temos o mesmo tom de cabelos claros.

Voltando minha atenção à empolgação de Monique

ao me mostrar sua estufa e as novas mudas, sorrio. Eu não podia ter encontrado uma mentora melhor.



A noite chega e vou encontrar um velho amigo. Quando eu ainda era dono do bar, tinha dois funcionários que se tornaram meus amigos. Hoje eles são os donos de uma das maiores baladas de São Paulo e eu paisagista. É interessante como a vida dá voltas e o mundo parece se ajeitar para que as coisas mudem de lugar e se encaixem no que lhes é devido.

Um desses amigos passou por tanta coisa que, apesar de ter tentado ajudá-lo como podia, não imaginei que sairia vivo daquela. E é a ele, Rafael, que vim visitar,

já que o Lex está lidando com sua própria batalha no momento. Uma em que não podemos fazer muito para ajudá-lo, apesar do quanto queremos. Tenho um carinho muito grande pelo Lex também. Nós nos conhecemos quando éramos mais jovens e ele ainda namorava a minha irmã. E, nossa, tanta água passou debaixo dessa ponte...

Ah, e a vida, além de dar voltas, é engraçadinha e nos prega peças. A mulher do Rafael, Viviane, é afilhada do marido da Monique. E durante um bom tempo em que trabalhei para ela, nenhum de nós se deu conta de que havia mais essa ligação entre nós.

O mundo realmente é um ovo.

— Fala, André! — Rafael sai de trás do bar e me abraça, efusivo.

— E aí, Rafa?

Há duas coisas muito presentes em Rafael: sua força de vontade e a incapacidade de segurar seus palavrões.

— Porra, há quanto tempo você não passa aqui?! — Ele me repreende, colocando uma cerveja para mim no balcão.

— Correria, você sabe. A empresa toma minha vida. Sobrevivi aos três primeiros anos, mas é ainda bem difícil. Não estou devendo, mas não posso dizer que os lucros são tantos assim. Você me conhece. E sempre que posso faço um curso. Não tenho parado.

— Sei.

— E o Lex, cara? Tenho falado com ele, mas sabe como é, né? Sempre tão fechado quando diz respeito aos próprios problemas.

— É complicado. — Ele não entra em detalhes. — E sua irmã?

Não digo nada a princípio. Sabia que falar do Lex, acabaria me jogando na Manuela.

— É complicado. — É minha vez de me esquivar.

Rafael fica em silêncio. Ele pega um pedido do garçom e prepara a bebida. Sei que precisa desse tempo. Manuela e ele têm mais em comum do que ele gosta de lembrar. Quando retorna, dá a volta no balcão e coloca a mão no meu ombro.

— Entendo mais disso do que eu queria. Sei que não quer falar, mas você já me ajudou muito, então, se precisar, é só pedir.

— Eu sei. Obrigado.

Rafael viveu anos muito turbulentos. A princípio,

eu tentava apoiá-lo por causa do Lex e do quanto ele era importante para o meu amigo, mas depois eu vi, que muito diferente do que as pessoas pensam, ele não escolheu aquele caminho. Rafael estava perdido, como a Manuela está perdida. O problema é que não faço ideia do que fazer.

— É foda, porque sei que pressionar não adianta. — A experiência faz com que pareça que ele está lendo minha mente. — Eu mesmo fiquei meses me escondendo das pessoas. — Ele passa a mão tatuada no rosto, como se sentisse a minha dor dentro de si. — Não sei bem o que dizer agora, mas estou aqui para o que precisar. Sempre. — Recebo dois tapas fortes em minhas costas.

Fico feliz por ele, por ter superado, por ter encontrado seu rumo. Espero que minha irmã encontre sua

luz também.

— Vamos deixar a tristeza um pouco de lado? — Ele diz ao se afastar.

— Por favor.

— A Vivi quer saber se você vai ao meu aniversário sábado. Vai ser coisa simples. Um churras lá em casa.

— Então a urgência que você tinha para falar comigo era essa? — Dou um gole na cerveja.

— Não só essa. — Seus olhos azuis sorriem. — Quero fazer um jardim pra Vivi lá em casa. Ela vai ficar feliz e as crianças vão gostar. Vem mais um por aí, né? Estava pensando até em uma casa na árvore. Quando minha irmã era pequena, ela só falava disso. — O saudosismo preenche suas palavras. — É bom ter um

espaço legal para eles.

— É, sim. Sábado eu dou uma olhada no espaço e a gente conversa.

— Isso quer dizer que você vai?

— É claro que eu vou. Tenho um orçamento pra fazer. — Ergo a garrafa e ele balança a mão para mim, rindo.

— E vai sozinho? — Ele volta a preparar bebidas para os clientes, mas sem tirar a atenção de mim.

— Não. Eu vou levar um pacote de cerveja.

— É sério isso? — Ele me olha de canto de olho e chacoalha a coqueteleira. — Você anda muito solitário.

— E você está falando como a minha vó. — Eu o provoco e ele franze a testa.

— Fazer o quê? — Ele dá de ombros. — Há um coração por trás desse barman roqueiro e tatuado. — Ele me tira uma gargalhada ao usar uma das frases da sua mulher. — Ah, sei lá, é que minha vida fez tanto sentido quando encontrei a Viviane que parece lógico querer que meus amigos tenham o mesmo.

— Mas você sabe que não é uma pessoa que dá sentido à outra, né?

— Sei. — Ele responde, sério. — Não dá para colocar tanta expectativa assim em outra pessoa. É que você parece tão centrado, tão pronto pra seguir em frente.

— Eu estou mesmo, mas estou na minha depois de tudo, sabe? Uma hora vai aparecer alguém. Já casei. Já deu errado. Quando for pra dar certo, vai dar. Uma hora eu trombo com essa garota aí que você quer que eu leve

nos seus churrascos.

— Um brinde ao tropeção da porra, então. — Ele sorri, satisfeito.

Quando eu perdi tudo, poucas pessoas ficaram ao meu lado. Foi uma época dura, mas aprendi que quem realmente está conosco, estará sempre, mesmo na hora da derrota. É a essas pessoas a quem devo tudo.



Cause I am a Superwoman
Yes I am
Yes she is
Even when I'm a mess
I still put on a vest
With an S on my chest
Oh yes
I'm a Superwoman[4]

"SuperWoman" - Alicia Keys

— Então é isso — Dr. Túlio Albuquerque se prepara para encerrar a reunião. —, conversei com os outros sócios e está na hora de promovermos mais um de vocês a sócio minoritário. Dois nomes foram indicados: Luiza Rodrigues e Carla Castilho. — Somos vinte e um advogados na reunião e um murmurinho começa imediatamente. — Sim. Uma certeza nós já temos: teremos uma mulher como nova sócia minoritária. Sempre prezei por igualdade e qualquer uma que preencha a vaga será valiosa para a empresa. Vocês estão sendo avaliadas há alguns meses e eu estou bem perto de me decidir. Acho que a semana antes do recesso de Natal será uma boa data para anunciar a decisão do conselho.

Ele dá por encerrada a reunião e meus colegas

parabenizam a mim e a Carla. Nós duas nos cumprimentamos também. Quando comecei, eu estava no terceiro ano da faculdade e fui sua estagiária por uns meses. Ela tem três anos a mais de empresa. Óbvio que quero ganhar, mas perder para ela não seria ruim. Dou o meu melhor e sei que a sociedade é questão de tempo. Seja agora ou depois.

De qualquer forma, quando volto para a minha sala, estou com a emoção à flor da pele. Meu coração está acelerado só por ter sido indicada sócia minoritária.

A porta se abre e Branca Albuquerque entra, fechando-a em seguida.

— Como é que você não está dançando nua pela sala? — Ela pergunta, agitando uma garrafa de vinho na mão.

Ela tem os mesmos cabelos loiros e olhos esverdeados de Bernardo, mas fora isso os dois são muito diferentes. Branca é pura energia em forma de pessoa e Bernardo é um mar de tranquilidade.

Dou uma risada discreta. Depois de tudo, eu mereço comemorar.

— Uma taça de vinho? — Pergunto para a Branca, que revira os olhos.

— Que pergunta é essa, garota? Vamos acabar com essa garrafa.

— Não posso acabar com ela. Vou viajar hoje à noite, mas posso tomar meia taça.

— Ah, Deus, você é tão certinha. — Ela bufa. — Devia encher a cara e ir de motorista.

Dessa vez, eu rio alto. Sento-me a seu lado no sofá

e envio uma mensagem para a Carla para que venha comemorar conosco.

— Já pedi para que ela traga as taças. — Branca fala ao esticar o pescoço para ler minha mensagem.

Assim que Carla entra, eu nos sirvo e Branca começa a falar sobre o quanto está empolgada.

— Vocês não comecem uma rivalidade estúpida por isso, pelo amor de Deus. — Branca avisa.

— Claro que não. Seremos todas lindas, ricas e sócias. — Carla diz, tranquila. — Não importa quem vá primeiro.

Respiro aliviada. Eu quero muito essa promoção, mas não ao custo de perder uma das poucas amigas que me permiti fazer.

Instintivamente, toco a marca no meu braço. A

cicatriz causada pela panela escaldante quando eu era criança. A pele enrugada me lembra de quem sou e de onde vim. Trabalhei muito, incansavelmente, para alcançar tudo o que tenho, mas não quero ganhos se tiver que passar por cima de alguém. Quero apenas o que for meu por direito. Se for para ser de outra, continuarei batalhando.

É claro que seria muito mais simples se eu estivesse disputando a vaga com alguém de quem não gosto. Mas essa é a vida, não é?

Se ela puder deixar tudo mais difícil, ela certamente deixará.



Duas horas mais tarde, Carla já foi embora, para comemorar com o noivo e estou terminando de ler um contrato, quando Branca reaparece.

— Você está com a pasta do caso Torres aí? — Ela pergunta.

— O pro bono? — Refiro-me ao caso sem fins lucrativos e pego-o debaixo de uma pasta. — O Túlio me pediu para dar uma olhada, mas ainda não cheguei nele.

— Esse mesmo. — Ela folheia o arquivo. — Ele disse que teve uma ideia e queria ver antes da segunda. — Resmunga, olhando para o alto e apertando a cabeça. — Vou levar para ele.

— Eu posso deixar lá. Você bebeu quase a garrafa toda de vinho sozinha e é meu caminho para a casa da minha vó.

— Jura? — Ela suspira, aliviada.

— Juro. — Sorrio e pego o arquivo de volta.

Branca agradece e pede um táxi, enquanto volto minha atenção ao contrato.

Passar em Cotia não vai me atrapalhar em nada e assim conseguirei lê-lo, como Túlio havia me pedido. Se ele precisa do arquivo agora, deve ter um bom motivo, então termino o que estou fazendo e saio do escritório.

Pego o elevador para o estacionamento. Estou distraída, pensando no que minha vó fará para o jantar, quando a porta do elevador se abre.

— Não vai ficar até tarde hoje? — Lucas, um moreno bonito, que trabalha em uma agência de publicidade no prédio me pergunta.

— Hoje não. Vou para Quatro Estações. —

Explico. Somos colegas e já almoçamos algumas vezes, além de treinarmos juntos.

— Isso quer dizer que vai matar a aula de hoje? — Ele dá um sorriso travesso, formando uma covinha no lado direito.

— Ah, se eu me atrever ir para o treino hoje é com a minha vó que terei que lutar.

Ele ri, baixinho. Lucas é um cara bem legal. Alguns anos mais novo que eu. Gentil, altruísta, bondoso. E é justamente por essas qualidades que não entendo por que há sempre uma melancolia em seu olhar. Sei que ele tem uma história de vida triste, mas mesmo assim... Ou talvez eu não entenda porque guardo a minha tristeza para mim e não deixo que ninguém a enxergue por trás das barreiras.

O elevador chega ao subsolo e Lucas segura a porta. Nós nos despedimos e caminho até meu carro. Minha mala já está no banco traseiro e acomodo a pasta que levarei para o Túlio no banco do passageiro.

Ligo o rádio e deixo meus pensamentos fluírem ao som de Alicia Keys. Entre a melodia e os casos em que estou trabalhando não penso mais nada.

Uma hora depois, entro no condomínio fechado em que Túlio mora com a esposa. Bernardo e Branca saíram de casa há vários anos e moram na cidade de São Paulo.

Estaciono em frente à sua casa. Sempre me surpreendo com a imponência do lugar. Toco o interfone e Túlio abre a porta automaticamente, me dizendo para entrar, que ele me esperará na varanda.

O jardim está bem iluminado e consegue ser ainda

mais lindo sob aquelas luzes. É fácil se deixar levar pela beleza do lugar. Estou tão encantada, que não presto atenção por onde ando e meu salto fica preso por um instante entre o gramado e o caminho de concreto que leva a casa.

Eu me viro e resolvo o problema, mas ao voltar bruscamente para frente não percebo que alguém vinha na minha direção, carregando um saco enorme. Ele ainda tenta me avisar, mas é tarde demais e nos trombamos de forma violenta.

O saco cai, fazendo um estrondo, e uma nuvem marrom nos cerca. Começo a tossir, balançando a pasta com o arquivo em frente ao meu rosto. Sinto o cheiro de terra entrando pelas minhas narinas.

— Mas o que é isso? — Passo a mão pelo corpo e

entreabro os olhos devagar, com medo de que algo entre neles.

— Me desculpe. — Ele pede, com a voz grave.

Não tenho tempo de perguntar quem ele é ou como é que anda tão descuidado por aí, enchendo as pessoas de terra. Ouço as vozes de Túlio e Monique, sua esposa, à minha volta, mas ainda levo alguns momentos para conseguir enxergar.

— Venha, querida. — Monique me guia, segurando meu braço, enquanto Túlio pega o arquivo. — Você também precisa se limpar, menino. — Ela diz e fico sem entender. Se quem trombou comigo foi um menino, ele é gigante.

Ele parece estar tão coberto de terra quanto eu, mas meus olhos estão irritados e não consigo vê-lo

direito. Ouço-o se desculpar mais uma vez. Sua voz não parece mesmo a de um menino.

De qualquer forma, não respondo e entro na casa sem olhar para trás.



It's another day tomorrow
but we're stuck in yesterday
like a color paint of picture
we hide beneath the frame
We hope that no one sees us
but all we want is to be seen[5]

"Another Day Tomorrow" - JA

Saio do banheiro com a toalha enrolada na cintura. Entro no meu quarto e me sento na cama. Balanço a cabeça ao me dar conta que deixei um saco de quinze

quilos de terra cair e estourar, espalhando-se no ar e sujando uma das advogadas de Túlio.

Não entendo bem como aquilo aconteceu, já que os sacos costumam ser bem resistentes, mas a questão é que eu estava distraído por causa da ligação da minha mãe. Ela teve um pesadelo com minha irmã e me deixou preocupado. A ligação das duas sempre foi muito forte.

Não consegui me desculpar direito. Túlio me disse que a mulher é uma das suas funcionárias e que está concorrendo a uma vaga para sócia. Ela entrou na casa e fiquei para recolher a bagunça. Achei melhor deixar outro pedido de desculpa pelo Túlio, afinal ela não parecia muito querer me ver de novo. Não acredito que dei uma dessas. Sou tão cuidadoso com o trabalho.

Bom, pelo estado que minhas roupas e cabelos

ficaram, ela deve estar uma fera. Afinal não saiu muito melhor que eu da situação.

Eu me deito de costas na cama. O vaso repleto de lavanda chama minha atenção. Ganhei da minha irmã na última vez que nos vimos. Ela leu em algum lugar que ter esse tipo de planta no quarto ajuda a dormir. E ela tem razão. As pessoas costumam se enganar, achando que plantas e flores no quarto são prejudiciais, mas tudo depende da escolha certa.

Estico o braço e pego meu celular no criado-mudo. Confiro as mensagens. Nós nos falamos pela última vez há três meses, mas não nos vemos há muito mais tempo. Fora isso, a cada quinze dias mando uma mensagem dizendo que sinto saudade e que quero saber se ela está bem, mas ela me ignora. Ainda não conseguiu me

perdoar.

Suspiro e digito a mensagem:

Manu, tô preocupado. Dá sinal de vida.
Nem que seja pra me xingar.
Aparece vai.

Coloco o celular ao meu lado, decidindo se assisto a um filme ou se começo a pensar em ideias para o jardim do Rafael, quando meu celular vibra.

Sobressalto e o pego, rápido.

É minha irmã.

Não sei o que fazer, Dé.

Nem preciso pensar, antes de responder:

Vem pra cá. Só vem.

Silêncio.

Não sei o que isso significa. Se ela virá ou não. Eu nunca faço ideia do que vai acontecer quando se trata da Manuela.



Just know you're not alone
'Cause I'm gonna make this place your home[6]
"Home" – Phillip Phillips

São mais de 23h quando chego a Quatro Estações. Eu me atrasei bastante, afinal tive que tomar um banho na casa do Túlio e secar meu cabelo com o secador por causa do jardineiro.

Entrar nesta minúscula cidade, em que a maior

parte da minha família nasceu, é como abrir a porta de um mundo colorido e perfumado. Eu não faço ideia de como eles conseguem manter esse lugar tão diferente de tudo o que o cerca, mas é quase como se entrássemos em um conto de fadas.

A cidade só tem um defeito: ela me lembra de tudo o que perdi.

Meu pai, minha mãe, a fé.

Depois que meu pai foi embora, sem sequer olhar para trás, minha mãe adoeceu. Depressão, eles disseram. Nem quando viemos morar com a minha vó ela melhorou. Ao contrário, acho que ela viu que teria quem cuidaria da Letícia e de mim e se entregou de vez.

Ela foi definhando até... desaparecer. Minha mãe se foi em silêncio, sem grandes estardalhaços e sem

arrependimento. Eu lembro que nos últimos dias, não havia nada em seus olhos. Mamãe tinha partido havia muito tempo.

Meu pai nunca mais nos procurou e uma parte de mim agradece por isso. Não sei como lidaria com sua presença ou, pior, seu arrependimento.

De certa forma, ambos traíram a confiança da menina que eu era e aprendi, bem novinha, a nunca me entregar completamente a outra pessoa, a nunca acreditar que algo é para sempre.

Só há duas pessoas a quem exponho meu coração sem medo: Letícia e vó Lucinda.

Chego à casa da minha vó com as emoções fervilhando no peito, tão natural desse lugar. Em vez de ela estar deitada em sua cama, dormindo. Está acomodada

confortavelmente na cadeira de balanço de sua varanda.

— Vó! — Exclamo, assim que desço do carro. — Você sabe que tenho a chave. Por que está aqui fora?

— É assim que a gente espera pela família, oras. — Ela ergue a mão e abre um grande sorriso, se ajeitando no balanço e agitando as pernas para descer.

Eu a alcanço no momento em que fica em pé e me abaixo para beijar seu rosto. Minha vó é provavelmente a pessoa mais baixa que eu conheço. Está longe de chegar a um metro e meio.

Ela me abraça e o cheiro de chocolate e cereja preenche minhas narinas.

— Humm... — Meu gemido reflete minha felicidade.

— Sim. Fiz biscoitos e geleia para você. — Ela se

encaixa no meu braço e me puxa rumo à casa. — Mas só poderá comê-los depois do jantar.

— Eu me atrasei, vó. Me desculpe. Você não acreditaria se eu contasse o que aconteceu.

— Ah, não. Você chegou no horário. As coisas acontecem como têm que acontecer, lembra?

Não respondo a essa frase feita que ouvi durante toda a minha vida. Vó Lucinda tem uma fé cega no mundo e de que tudo está predestinado. Até parece que tomar um banho de terra fosse algo essencial ao meu destino. Ai, vó...

Entramos na casa e a sensação de bem-estar me envolve por completo. Não há lugar em que eu me sinta mais amada do que aqui. É como se cada cantinho da casa transmitisse aconchego.

A casa é multicolorida e isso acontece porque minha vó ama cultura geek. Há uma parede inteira composta por bonequinhos inspirados em filmes e séries. Não sei como são as outras avós, mas a minha é uma espoleta ligada no 220 v e que está com a mente sempre ocupada.

Observo os novos bonecos para me certificar de que ela ainda não tem os que comprei de aniversário: a coleção inteira de Alice no País das Maravilhas. Ela vai pirar.

— Venha, venha. — Vó Lucinda me puxa. — Você vai ter tempo para isso depois. Venha jantar antes que esfrie.

É claro que a panela está fumegando sobre o fogão e a mesa posta. Mesmo eu não tendo dito o horário que

chegaria.

Como ela faz isso? Ah, só Deus sabe...



If I could just see you
Everything would be all right
If I could see you
This darkness would turn to light
And I will walk on water
And you will catch me if I fall
And I will get lost into your eyes
I know everything will be all right
I know everything is all right[7]

"Storm" - Lifehouse

Ando pela sala, sob o olhar atento do Mulder, meu gato. É, o que posso dizer, fui um adolescente viciado em

Arquivo X.

Ontem quando cheguei, ele me analisou de cima a baixo e quando viu o tanto de terra que me cobria, decidiu que não queria papo comigo.

Agora ele está deitado no sofá, balançando o rabo e parecendo sentir minha agitação. Preciso ir à casa do Rafael, mas a mensagem da Manuela fica martelando a minha cabeça.

Ainda estou me decidindo sobre o que fazer quando Mulder pula no chão, se acomodando perfeitamente sobre suas três patas. Eu o encontrei uns dias depois de descobrir a traição da minha ex-mulher. Ele tinha sido atropelado. Precisou de algumas cirurgias, perdeu a perna esquerda, mas se recuperou e ninguém diz que ele passou por tanta coisa ruim.

Mulder caminha até mim e me abaixo para coçar sua cabeça.

— Vou sair um pouco, certo? — Ele dá um miado longo. — Não reclama. É trabalho. — Ele ergue o queixo. Mais humano impossível. — E um pouco de lazer também. Eu mereço, não acha?

Ele se deita para que eu acaricie sua barriga e o obedeço. Ele com certeza acha que é quem manda aqui.



Chego à casa do Rafael por volta das três da tarde, acompanhado de uma caixa de cerveja, como prometi. Ele balança a cabeça, demonstrando cumplicidade, quando me vê. Eu o abraço, cumprimentando-o pelo aniversário.

Viviane vem logo atrás e me abraça também, convidando-me para entrar.

— Está todo mundo aí já. — Rafael segue em frente, mostrando o caminho — Até comentei com o Lex que a gente ia ter que ir lá te buscar.

Há cerca de umas quinze pessoas ali. A maioria eu conheço, como Bernardo e Branca, filhos da Monique. Outros já encontrei em outras confraternizações.

As crianças brincam numa grande piscina inflável. Acho que essa é a família que mais procria que conheço. Não que isso seja ruim, ao contrário. Uma casa cheia de crianças já foi meu sonho em um tempo que parece muito distante agora.

Quando desvio o olhar, pego Viviane me analisando, com a expressão séria. Ah, Deus, agora

pronto. Mais alguém para achar que estou me sentindo solitário.

— Eu estou bem, Vivi. — Digo em voz baixa e coloco as cervejas no freezer.

Parece que ela vai dizer algo quando Branca diz meu nome em voz alta:

— André! — Eu me viro para ela, entre surpreso e aliviado. — Me conta direito a história do saco? — Pede, afobada.

— Que saco? — Um coro de vozes pergunta.

— O saco de terra... — Dou risada, abrindo a cerveja.

Não sei por que achei que seria diferente. Nessa família, qualquer coisa que acontecer é de conhecimento geral. Não sei se foi Túlio ou Monique, mas agora ou

conto como foi que dei um banho de terra numa mulher ou meus amigos não vão parar de falar disso.

Começo o relato e eles comentam por cima, pedindo detalhes.

Aos poucos estamos todos rindo da besteira que fiz. Coitada daquela advogada.

— Olha — Rafa coloca a mão no meu ombro, enigmático. Ele prestou atenção a cada detalhe sem dizer nada. —, eu diria que esse foi um tropeção da porra.

Depois disso a sequência é sempre a mesma. Os adultos tentam repreendê-lo por falar palavrão na frente das crianças de novo e os pequenos começam a rir, tentando conter as gargalhadas com as mãos.

Observo a todos calados e sei que estou diante de algumas das melhores pessoas que conheço.



Quando volto para casa é quase meia-noite. Ajeito a bolsa do meu notebook. Anotei algumas coisas para o projeto do jardim do Rafa. O espaço é bem legal e estou cheio de ideias.

Saio do elevador bocejando, estou cansado, mas nem tenho tempo de pensar muito sobre isso, porque vejo minha irmã cochilando, sentada no chão, encostada na porta e com a cabeça ajeitada no batente.

Passo as mãos pelo rosto, aliviado por vê-la e preocupado pelo seu estado. Suas roupas estão desgastadas. A palidez excessiva se choca com os cabelos castanhos escuros.

Eu abaixo perto dela, devagar, e chamo seu nome baixinho. Não a toco por medo de assustá-la. O que não adianta muito porque ela se sobressalta puxando a mão com um canivete, prestes a atacar seu inimigo, em uma ação típica de quem precisa lutar para sobreviver.

— Ei, ei... — Seguro sua mão, com cuidado. — Sou eu, Manu. O Dé.

Ela puxa o ar com força e o segura dentro do peito, provavelmente tentando conter o choro com ele.

Quando expira, as lágrimas escapam, ela solta o canivete e permite que eu a puxe para um abraço.

— Eu não sabia pra onde ir. — Ouço seus soluços e tento confortá-la.

Se pudesse, eu a manteria aqui para sempre, em um abraço protegido do mundo, que não cansa de

machucá-la. Mas há muito tempo aprendi que só podemos ajudar as pessoas quando elas abrem a porta para nós e, infelizmente, minha irmã nunca esteve disposta a isso.



So hold onto hope, love
I've searched high and low for you, for you
Each day gets closer
So hold on stronger to me, and you
Some day soon, I'll find you
Some day soon, I'll know you[8]

"Hold Onto Holp, Love" – Amy Stroup

— Tia Lulu! — Minha sobrinha de seis anos, Michele pula sobre a minha cama e me abraça.

É bem cedo ainda, mas eu devia imaginar que essa pequena não demoraria muito para aparecer, já que minha irmã mora na casa ao lado.

Eu inspiro o perfume dos seus cabelos cacheados, que se espalham sobre mim como ondas repletas de amor.

— Michele, você vai sufocar a sua tia. — Ouço a voz da minha irmã, antes dela se ajeitar na cama conosco. — Deixa um pouco pra mim.

Estico o braço e puxo Letícia para perto de mim. Conforme ela se aproxima, sua barriga começa a mexer.

— Olha só quem já conhece a voz da tia. — Eu me ergo e beijo sua barriga protuberante. — Tudo bem aí, João?

Ele se remexe lá dentro, como se soubesse mesmo quem sou.

— Eu ainda vou ser a preferida quando ele sair daí, né? — Michele me pergunta, jogando os cabelos para trás, como sua mãe costuma fazer.

— Mas é claro — Eu aperto a ponta do seu nariz. — Você será a minha sobrinha preferida e ele o meu sobrinho preferido.

— Muito bem. — Ela me abraça outra vez, depois desce da cama e sai correndo pelo corredor, pedindo bolo para a minha vó.

— Como você está? — Minha irmã se apoia sobre o cotovelo para me encarar.

— Bem, cansada, trabalhando bastante, mas bem.

— Sei. — Ela nem disfarça o julgamento. Não que isso seja algo ruim. Nesse caso, ela se preocupa comigo. Está analisando a minha vida e pensando no que pode

fazer para mudá-la. Como se fosse fácil assim. Cada pessoa é de um jeito.

— Que bom que está em casa, Lulu. — Letícia diz, ainda deitada na cama e me junto a ela. Mesmo depois de tanto tempo que fui embora, minha vó ainda mantém esse quarto. E ela trocou minha cama por uma de casal na esperança de que eu trouxesse um namorado um dia. Ah, vovó.

— É bom estar em casa, Lelê. — Acomodo minha mão em sua barriga.

Temos apenas dois anos de diferença entre nós. Crescemos muito próximas, com semelhanças e diferenças marcantes que vão muito além do cabelo natural que ela usa e do meu alisado.

Cada uma de nós encarou de uma forma o

abandono do nosso pai, seguido da morte da nossa mãe. Letícia passou a desejar mais do que nunca uma família grande, se casou aos vinte com seu primeiro namorado, está esperando seu segundo filho e já fala em ter mais, enquanto eu... bem, me tornei arisca. Há um muro à minha volta e tenho plena noção disso. Acho que amar alguém dá um poder enorme para essa pessoa nos machucar, então não saio amando geral.

Letícia pensa o contrário. Tanto que é professora de Educação Infantil e ama demais aquelas crianças. Se bem que são crianças, certo? Que mal pode haver?



Minha vó completou setenta e sete anos, apesar de

aparentar bem menos. Tanto por sua aparência quanto pela disposição.

Sua festa está acontecendo bem no meio da cidade, na praça central. Há barracas, bandeirinhas, bexigas, placas com frases carinhosas. A maior parte da cidade está presente.

No momento, ela dança no meio das crianças, rodopiando e cantando. É quase meia-noite e ela está em plena disposição.

Nunca conheci meu avô. Ele morreu quando minha mãe era um bebê. Passei anos achando que as mulheres da nossa família eram amaldiçoadas, como naquele filme *Da Magia à Sedução*. Mas aí o Renato, marido da Letícia, apareceu. E que cara incrível.

— Pensando no quê? — É justamente ele quem me

pergunta.

— No quanto a família da minha irmã é incrível. — Sorrio e ele me acompanha. Seus dentes brancos contrastando com sua pele negra.

Nunca soube se ele era calvo ou realmente gosta de manter a cabeça sem cabelo algum, mas fica muito bem nele. Minha vó soltou um "você é um pedaço de mau caminho" quando o viu pela primeira vez.

— Você também pode ter uma família dessas, sabe? — Ele comenta, afetuoso.

— Eu tenho, ué. São vocês.

— Você me entendeu.

Felizmente Michele chega correndo e se joga no colo do pai. Saio um pouco para caminhar. Adoro o clima festivo de Quatro Estações, mas às vezes isso me sufoca.

Caminho sem prestar muita atenção até onde estou indo, até que me sento em um dos bancos da praça.

Pego o celular e fico pensando em mandar uma mensagem, mas não sei bem para quem.

— Pequena Lulu.

Só uma pessoa me chama assim, então quando me viro sei que é Rosalinda. Ela foi a ajudante do Papai Noel quando fiz aquele pedido. Não me esqueceria dela nem se quisesse.

— Como vai, Rosalinda?

— Você cresceu. — Ela diz de um jeito tranquilo.

— É o que acontece quando nos tornamos adultos. — Sorrio e ela segura minha mão.

Minha primeira reação é me afastar, mas é apenas

Rosalinda, pessoa mais doce do mundo.

— O Natal está chegando e essa época sempre me traz sonhos lindos. Sabe, eu tive um com você. — Ah, Deus... Todos na cidade sabem que devem correr quando Rosalinda diz que sonhou com eles. Primeiro, porque ela pode falar por horas e, segundo, porque às vezes os sonhos se realizam. Como não abro a boca, ela continua. — Sonhei que seu caminho a levava ao caminho de outro alguém e que você o conheceria no meio de uma nuvem escura. Mas a pegadinha está bem aí, por mais que parecesse bem ruim a princípio, se tornava muito bom depois. Uma proposta de trabalho vai aproximar vocês. — Ela usa a mão livre para coçar o rosto, enquanto estreita os olhos, esforçando-se para se lembrar de tudo. — Ah, ele vai deixar uma marca em você. E vai tentar ser

seu herói e se surpreender quando perceber que você já é sua própria heroína. — Não posso negar que sou mesmo. — E vai te fazer enfrentar seus medos.

— Rosalinda, eu... — Tento interrompê-la, mas é em vão.

— Calma, preciso terminar tudo antes que eu esqueça. — Engulo seco. Esse papo é muito estranho. Não é que eu acredite nessas coisas, mas ela sonhou que meu pai tinha outra mulher e, no fim, ele foi embora. — Ah, vi flores. Uma porção de flores.

— Só isso? — Pergunto, tentando não me preocupar com uma bobagem dessas. Até porque como alguém pode ter um sonho tão completinho assim?

— Hum... Como chama aquele pássaro que renasce?

— Fênix. — Tento muito não demonstrar impaciência.

— Isso. Uma fênix ficará entre vocês.

Abro a boca para explicar que fênix são aves mitológicas e que elas não existem, mas Rosalinda se levanta, abruptamente, e assim como chegou, ela se afasta.

Não adianta. Eu nunca vou me acostumar totalmente com as loucuras de Quatro Estações.



I tied your shoes while you sat and watched the rain
Hands folded across your lap, and the dull work of paints across your face
Mom down the hall bible pressed to her chest
When she swore the devil hides in everything
And her room was the only safe haven left[9]

"Sisters" – Radical Face

Ajudo Manuela a se levantar e abro a porta de casa. Ela está bem fraca. Parece um passarinho perdido entre roupas largas. Ela deu sorte do José estar na portaria

hoje. Ele é o único que a conhece.

Manuela ainda não disse nada e também não a pressiono. Teremos tempo para explicações, assim espero.

— Você precisa tomar um banho.

— Nossa, eu mal cheguei e você já diz que estou fedendo. — Ela tenta brincar. No passado, Manuela era muito alegre. Hoje, restou apenas sua sombra.

— E depois vai comer.

— Tá bom, papai. — Ela zomba, como se o sarcasmo a protegesse de alguma forma.

Ela caminha devagar pelo apartamento. Não demora e Mulder aparece. Depois de um segundo de análise, ele se esfrega em suas pernas. Isso lhe tira um sorriso.

Vou até o quarto e pego uma camiseta e uma bermuda limpas, entregando a ela. No balcão do banheiro, procuro uma toalha e penduro no box.

— Pronto. Aí tem tudo o que você precisa. Quando terminar, estarei na cozinha.

Estou quase saindo, quando ela se vira para me perguntar:

— O que vai fazer?

— O que você acha?

Seus lábios tremem um pouco, emocionada. Manuela não sabe como reagir quando tentam cuidar dela.

— Omelete de batata e queijo. — Ela assente, como se estivesse surpresa por eu me lembrar do que fazia para ela quando éramos mais novos.

— Sim, *tortilla*. — Fecho a porta depois de responder.

Quando Manuela nasceu, eu tinha dez anos. Ninguém me disse que eu teria que me tornar o protetor dela, mas soube assim que coloquei os olhos nela, que era o que devia fazer: proteger minha irmãzinha, não importasse o que acontecesse.

E, anos depois, sinto que falhei completamente.



Observo-a devorar a omelete.

— Está uma delícia. — Manuela fala com a boca cheia.

Sua aparência está limpa e seus cabelos estão molhados, mas sua fragilidade é assustadora. De vez em quando ela puxa a camiseta para baixo e não consigo entender a razão disso. Pode ser um tique nervoso que adquiriu.

As perguntas coçam em minha língua, mas não consigo deixá-las sair.

Quando ela se satisfaz, empurra o prato e boceja.

— Posso dormir no sofá? — Pergunta, desconfortável. Posso ver que está lutando contra o sono.

— Não. Vai dormir no meu quarto. Eu fico com o sofá.

Ela até tenta argumentar, mas nem escuto. Ela se deita na cama, eu a cubro, como se ainda fosse uma menininha. Ela desvia o olhar. Beijo sua testa e saio.

— Pode deixar a luz do corredor acesa? — Eu a escuto questionar.

— Vou deixar.

Fico parado no corredor até ouvir seu ronco, baixinho. Só aí respiro, aliviado. Tranco a porta e levo as chaves para o sofá, comigo, colocando-as sobre o meu travesseiro.

Mulder me olha, compreensivo e vai se deitar sobre o tapete, bem rente à porta. Não é ali que ele costuma dormir, mas assim como eu, está preocupado com o que pode acontecer durante a noite.

Eu me esforço para não deixar que os fantasmas do nosso passado me encontrem, mas é tarde demais. Em instantes, a sala está repleta deles.

Um pouco depois de a Manuela nascer, meu pai

perdeu o emprego. Ele costumava beber mais do que devia, mas o desemprego e as várias recusas que recebeu o jogaram no alcoolismo.

A primeira vez que ele me deu uma surra foi no meu aniversário de onze anos. Eu não sei exatamente o motivo, mas na cabeça dele fez todo sentido.

Isso abriu a porta para muitas outras. Toda vez que se sentia frustrado era em mim ou na minha mãe que ele se liberava.

Até que um dia, quando eu tinha quase dezesseis, a Manuela se colocou entre nós e o punho do nosso pai a acertou em cheio no rosto. Minha irmã caiu, desmaiada.

Eu estava preparado para ir para cima dele, quando o vi chorando. Acreditei que tinha caído a ficha do que ele vinha fazendo com a gente, mas eu estava

iludido.

A Manu ficou bem, pelo menos fisicamente, mas me deixava louco ver minha mãe mentindo para acobertar meu pai.

Conforme eu me tornava um homem, mais me revoltava. Comecei a trabalhar cedo, tentando juntar dinheiro para ir embora com minha mãe e minha irmã. Não deu tempo...

Quando completei vinte anos, ameacei minha mãe. Disse que se ela não fosse embora, eu pegaria a Manuela e iria. É claro que eu não podia fazer isso e ela sabia.

Enquanto eu trabalhava, a Manuela passou a ser um alvo fácil. Uma noite, já do portão eu ouvi os gritos e objetos sendo quebrados. Entrei correndo, a tempo de ver minha mãe caída, com o rosto sangrando e Manu

apontando uma faca para o meu pai. Um filete de sangue escorria do nariz dela.

— Chega! — Manuela gritou. Ela tinha apenas doze anos. — Eu odeio você! ODEIO VOCÊ!

Ele foi para cima dela. Eu me joguei sobre ele no último segundo. Foi a primeira vez que reagi de fato. E, por incrível que pareça, foi a única vez em que a polícia apareceu.

Nosso pai fugiu pelos fundos e minha mãe contou o houve. Ela falava como se cada palavra destruísse uma parte dela. Mas entre mim e ele, finalmente ela reagiu e ficou ao meu lado.

Eu não sei como teria sido quando meu pai voltasse para casa. Não sei se, depois da polícia aparecer, ele tentaria tomar jeito. O que sei é que ele

nunca voltou e, na manhã seguinte, tive que reconhecer seu corpo no IML. Parece que em sua fuga, ele foi atropelado e, ironicamente, o motorista fugiu sem prestar socorro.

A morte do nosso pai causou mais uma ferida no coração da minha irmã.

Eu a entendo.

Não há nada pior do que sentir alívio com a morte de alguém que devíamos amar.



You want to be so sure of
Every step you take
You cant always know what's coming
You cant always trust the twist of fate[10]

"Broken Things" - Dave Matthews Band

— O cara vai te salvar?

— Vai te marcar?

— Tem uma fênix?!

— Como assim nuvem escura?

Branca e Carla estão atônitas com as previsões de Rosalinda.

— Eu disse para vocês que Quatro Estações é pitoresca. — Eu me sirvo de mais uma xícara de café e volto a conversar com elas, no escritório da Carla.

— Poxa, quero ir visitar. — Branca se empolga. — Você teve um fim de semana intenso, hein? Primeiro foi um banho de terra, depois isso.

— Banho de terra? — Carla não entende e conto a ela o que aconteceu na sexta à noite.

Branca começa a falar sobre o caso em que está trabalhando, porque ela é assim mesmo. Um impulso da natureza, capaz de mudar em questões de segundos.

Carla fica em silêncio, nos ouvindo. Tenho que ir

para minha sala, mas abasteço minha xícara de café antes de sair, pensando por que é que não coloquei uma cafeteira no meu escritório também.

— Vocês não notaram a semelhança? — Carla pergunta do nada.

— O quê? Os casos? Não têm nada a ver um com o outro. — Branca rebate.

— Não. O banho de terra. Ele não pode ser a nuvem escura? — Ela franze a testa, como se realmente refletisse a respeito.

— Não tinha pensando nisso não.

— Minha vida não é um filme de Natal do Netflix, Carla. Não tem relação. — Respondo, me virando para a porta e saindo com a xícara na mão. De repente, esse assunto começou a me perturbar e quero voltar para o meu

escritório o mais rápido possível.

Estou prestes a entrar na minha sala, quando a porta se abre, me assustando e tropeço para trás, derrubando café na minha camisa branca.

— Ah, meu Deus! — Puxo o tecido, agradecendo por o café não estar fervendo como eu gosto.

— Não acredito. — Alguém que não reconheço resmunga.

— Mas não é possível! — Túlio, que também está dentro do meu escritório, aparece.

— Quem é você? — Pergunto ao estranho. Ele é levemente familiar. Não, realmente não é possível.

— Eu vim para uma reunião e quis aproveitar para me desculpar. — Ele diz, sem jeito, passando a mão pelos seus cabelos loiros e cacheados.

Mesmo que ele não tenha dito claramente sei que é o cara do saco de terra. Que raiva!

Antes que eu perceba, Branca e Carla estão a meu lado. Sinto meu rosto queimar. Sempre fui tão discreta e agora vou ficar conhecida como aquela que deu um grito no corredor.

— Vamos ao banheiro. Sua roupa vai ficar manchada e sua pele deve estar doendo. Vamos jogar um pouco de água fria aí. — Branca puxa minha camisa e olha por cima da gola.

Carla olha de mim para o cara e não diz nada. Nem precisa. É óbvio que ela está pensando na Rosalinda.

“Ele vai marcar você.”



A fallen angel, in the dark
Never thought you'd fall so far
Fallen angel, close your eyes
I won't let you fall tonight
Fallen angel
You do it all for my own protection
You make me feel like I'll be okay
Still I have so many questions
How do you stay so strong?
How did you hide it all for so long?
How can I take the pain away?
How can I save[11]

"Fallen Angel" – Three Days Grace

Chego em casa, perplexo. Como fui tentar pedir desculpas por algo e deixar tudo ainda pior?

Quando Túlio me ligou ontem, pedindo que eu fosse orçar um jardim na enorme varanda do escritório, pensei que fosse uma ótima oportunidade de me desculpar com Luiza. Nem fomos formalmente apresentados e ela deve querer me ver pelas costas.

Bom, é uma pena que isso tenha acontecido, mas no momento tenho um problema maior: Manuela.

Abro a porta do apartamento e Rafael está sentado no sofá, olhando para o teto, com Mulder sentado em seu colo.

— Ela está no seu quarto. — Ele explica se levantando. Mulder mia alto, reclamando.

— Não saiu de lá?

— Não. Ela pegou a sacola de roupas que a Vivi mandou e mais nada.

— Vocês conversaram?

— Pela porta fechada? — Rafael pergunta, irônico, apontando para o corredor.

— Droga. — Bufo e sento no sofá. — Não sei o que fazer. Ela se fecha, não quer ver minha mãe, não quer sair. Como posso ajudá-la assim?

— Não pode. — Rafael já esteve envolvido com coisas bem pesadas, como desconfio que seja o problema da minha irmã. — Mas também não pode deixá-la fazer o que quer. Ela já está aqui há dois dias. É hora de falar.

— Eu sei.

— É estranho ela voltar e se fechar. Quando a gente volta pra casa, é porque quer conversar.

— Tem algo muito errado.

Não sei se por nos ouvir ou por querer finalmente dizer algo, mas Manuela abre a porta e sai do quarto, usando um dos vestidos de Viviane.

Rafael e eu nos entreolhamos. Agora quem não sabe o que dizer sou eu. Já meu amigo sabe muito bem expressar o que está sentindo:

— Puta. Que. Pariu.

Talvez essas sejam as palavras que mais se encaixam ao momento. Sem as roupas largas, o segredo de Manuela está exposto: minha irmã está grávida.



There's a set of rickety stairs
In between my heart and my head
And there ain't much that ever bothers going up them
Here we go at it again
And once it's started it's so tricky to stop
Suddenly reminded of things I thought I'd forgot
You've got me loosening up my grip on the plot[12]

"The Element of Surprise" - The Last Shadow Puppets

Entro no banheiro e tranco a porta a tempo de ver Branca e Carla me olhando.

Tiro a camisa e a atiro na pia, irritada. Como pode um homem do qual eu nem sei o nome ser tão inconveniente?

Abro a torneira e respiro várias vezes, me acalmando.

— Calma, Luiza. Você não é assim. — Falo para o espelho.

Acho que o problema maior é que gosto de controle. Minha vida é toda regrada e nada sai do lugar sem que eu aprove antes, mas esse cara fica aparecendo como um estrondo e bagunçando tudo.

Alguém bate na porta e logo ouço a voz da Branca.

— Eu te trouxe uma camisa limpa.

Reviro os olhos ao perceber que estou presa no banheiro de sutiã. Como me esqueci de pegar a camisa

reserva? Todas nós deixamos uma no escritório. Uma precaução que eu nunca tive que usar até agora.

— Já vou abrir.

— Vai, abre logo. Só trouxe a camisa. Os comentários engraçadinhos eu deixei lá na minha sala.

Ela me faz rir. Fico atrás da porta e a entreabro. Ela passa a camisa, tira o braço e fecho a porta outra vez.

Não demoro muito para me trocar, recuperar minha calma habitual e voltar para a minha sala.

Fecho a porta, decidida a me concentrar nos meus casos. Dou a volta na mesa e sento-me em minha cadeira. Um pequeno vaso de flores amarelas chama a minha atenção. Há um cartão, ajeitado sobre ele.

Abro-o e leio a mensagem:

Que essas tulipas possam apagar a má impressão que minha nuvem de terra deixou.

Sinto muito pela sexta à noite,

André.

Releio a mensagem sem saber o que dizer. O cara vem se desculpar e quase me mata de susto, causando outro acidente. Olha, se isso não for um desastre, não sei o que é. Não faço ideia do motivo desse homem estar aqui.

Toco as pétalas das flores devagar, ainda zangada, principalmente comigo. Não posso perder o controle. Há muito que preciso fazer.

Bom, pelo menos agora posso nomear a razão do meu estresse: André.



Cê quer saber? Então, vou te falar
Por que as pessoas sadias adoecem?
Bem alimentadas, ou não
Por que perecem?
Tudo está guardado na mente
O que você quer nem sempre condiz com o que outro sente
Eu tô falando é de atenção que dá colo ao coração
E faz marmanjo chorar
Se faltar um simples sorriso, às vezes, um olhar
Que se vem da pessoa errada, não conta
Amizade é importante, mas o amor escancara a tampa
E o que te faz feliz também provoca dor

"Ainda Há Tempo" - Criolo

— Agora você já sabe. — Manuela cruza os braços e me encara, me desafiando a dizer algo. — Quer que eu vá embora?

— Claro que não. — Respondo, de imediato. — Mas precisamos conversar. Ontem você dormiu a maior parte do dia e te deixei descansar. Está na hora de me contar o que está havendo. Você ficou fora por quase seis meses, Manu.

Rafael tosse algumas vezes, sem jeito.

— Eu vou indo, cara. Vocês têm conversa pra caralho pra colocar em dia.

Ele dá um toque no meu ombro e se aproxima da Manuela, que estreita os olhos. Eles se conhecem há bastante tempo.

— Você sabe que pode contar comigo, mas

ninguém pode te ajudar, se você não deixar. — Seu tom é baixo e preocupado.

Ela assente e não responde. Rafael vai embora e estendo a mão para Manuela. Demora alguns segundos até que ela aceite. Aponto para o sofá e nos sentamos. Eu me viro um pouco para o lado, querendo ficar de frente para ela.

— De quantos meses você está?

Seu olhar espantado me mostra que ela não esperava que eu começasse por essa pergunta.

— Cinco.

— Tem acompanhamento médico?

— Eu fui quando descobri. — Manuela aperta as mãos. — Há algumas semanas.

Passo a mão pelo rosto. Meu Deus.

— Onde você esteve nos últimos seis meses? — Ela aperta os lábios. Não quer contar. A chave está aí. — Manu, você precisa de ajuda.

— Eu sei. — Segue sem olhar para mim.

— Então, responde. — Meu tom é firme. Quero mostrar a ela que pode confiar, mas também que precisa se abrir.

— Eu estava com uns amigos.

E assim continuamos. Manuela está acuada, mas não agressiva e isso tem que ser um bom sinal. Ela me conta que o pai do filho é um desses amigos e que ele disse que não vai assumir. Isso é mais comum do que deveria.

Ouço tudo com atenção e a conforto, sem a tratar

como criança. Manuela tem vinte e cinco anos e mesmo que eu a veja como uma garotinha ainda, superprotegê-la trará mais problemas.

A verdade é que eu ainda me culpo por ela ter ido por esse caminho. Depois da morte do nosso pai, eu me virei em dez para dar tudo o que a Manuela precisava ou queria. Fui ingênuo em pensar que suprir essas necessidades curariam seu coração.

Quando Manuela começou a namorar meu melhor amigo, confesso que me preocupei. Ela tinha dezenove, ele vinte e seis, mas eles formaram um casal incrível durante um ano. Foram meus padrinhos de casamento. Vivíamos juntos. Até o dia em que a Manuela descobriu que o Caio, namorado dela, estava transando com a Marisa, minha mulher. Depois Marisa limpou nossa conta

conjunta, levou todas as minhas economias, meu carro e fugiu com ele para outra cidade. Até o meu divórcio foi no litigioso.

Tudo isso me deixou muito mal e com a Manu foi pior. Todas as expectativas dela estavam no relacionamento com Caio. A depressão a levou ao abuso de medicamentos, álcool e, por fim, drogas, no último ano.

Quando eu soube, fiz o que pude para encontrá-la e interná-la. Mas como o Rafa sempre diz: “Não se salva quem não quer ser salvo”.

Ela acabou fugindo e não a vi desde então. Honestamente nem sei como ela me procurou, depois de tudo, pois jurou que nunca mais falaria comigo.

Aos poucos, ela me conta o que fez, onde ficou,

como viveu ou sobreviveu, no caso, depois de fugir.

Meu peito se aperta ciente de que não faço ideia do que devo fazer e nem como ajudá-la.

— Manu, você precisa me dizer o que espera que eu faça? — Depois de todo o relato, não consigo evitar que meus olhos lacrimejem.

Manuela suspira, um tremor chacoalhando seu corpo.

— Eu ia morrer, sabe? Senti que estava chegando a hora e eu ia morrer. E nem liguei pra isso. Só estava esperando a hora chegar pra ficar em paz. — Ela segura a minha mão. — Mas aí, eu estava no chão, com o sangue cheio de álcool. E aí... — Ela coloca minha mão sobre sua barriga. — A sua mensagem chegou. — As lágrimas rolam soltas por seu rosto e ela tem dificuldade para falar.

— Eu tentei ignorar, mas foi nessa hora que ele... ou ela... se mexeu.

Não sei o que dizer. Não sei o que ela espera.

— Manu, eu...

— Dé, e se isso for um sinal? — Sua voz não é mais do que um sussurro.

— Sinal de quê? — Tenho até medo de perguntar.

— O que eu estou fazendo não é muito diferente do que o pai fez, né? Talvez esse bebê seja um sinal de que ainda há esperança pra mim, afinal de contas.



Pode falar que nem ligo
Agora eu sigo
O meu nariz
Respiro fundo e canto
Mesmo que um tanto rouca

"Velha e Louca" – Mallu Magalhães

Depois do almoço, estou terminando uma ligação, quando Túlio entra no meu escritório.

— Não tive tempo de vir antes. — Ele se explica

quando coloco o telefone no gancho e se senta na cadeira do outro lado da mesa. — Me perdoe pelo que aconteceu mais cedo. Eu não imaginei que você e o André passariam por outra situação daquelas.

— Não foi sua culpa, Túlio. — Olho de relance para o vaso de tulipa. — Acho que não foi nem do André. Foi um acidente. — Eu me rendo à verdade.

— Sim, foi. E fico feliz que tenha entendido isso, porque vocês vão acabar se trombando de novo. — Eu faço uma careta e ele ri. — Quer dizer, espero que não literalmente. O André é paisagista. Foi ele quem projetou e executou o jardim da minha casa.

— Uau... — Demonstro surpresa. Túlio sabe o quanto amo o seu jardim e mantém uma expressão compreensiva. — Ele é incrível, então.

— É excelente. Eu o contratei para trabalhar na área da varanda. É espaço enorme para ser composto apenas de mesas e cadeiras sem vida. Acredito que ele transformará o local em algo muito interessante para os funcionários e clientes.

Túlio começa a divagar sobre as mudanças que ele espera. Não há ninguém que se preocupe mais com o bem-estar das pessoas com quem se relaciona do que ele. É um apaixonado pela vida. Não importa se é uma planta, pessoa ou animal.

Trabalhar com ele me fez crescer muito mais do que eu pensava e, apesar de não baixar a guarda completamente, Túlio é a figura mais próxima que já tive de um pai. Jamais tocamos nesse assunto de forma direta, mas sei que ele sabe como me sinto. Tanto que está aqui,

se certificando de que ficarei bem com o tal paisagista entrando e saindo do escritório.

É gentil de sua parte se preocupar comigo, mas não é necessário.

Há tanto trabalho a fazer que duvido que eu preste atenção no tal paisagista trapalhão.



É bom te ver sorrir
Deixa vir a moça
Que eu também vou atrás
E a banda diz: "Assim é que se faz!"
Sei que a tua solidão me dói
Sei aquela mesa de jantar

"Além do que se vê" – Los Hermanos

A primeira coisa que faço no dia seguinte é levar Manuela ao hospital. Uma das amigas da Viviane, Mila, é médica e me ajuda com tudo, já que minha irmã não tem

convênio. Pretendo dar entrada nisso ainda hoje.

Quase não dormi à noite, pensando a infinidade de problemas de saúde que essa criança poderia ter, devido a todas as substâncias que minha irmã vem ingerindo durante a gravidez.

— Aqui está meu telefone. — Mila me entrega um cartão no corredor, enquanto Manuela troca de roupa depois da ultrassonografia. — Pode me ligar qualquer hora do dia. Sou pediatra, não vou poder ajudar muito a sua irmã, mas farei o que puder. Quero acompanhar a gestação e estar presente quando o bebê nascer. — Fico olhando para o cartão como se pudesse encontrar todas as respostas ali. Estou bem perdido. — Não vou mentir, André. Há grandes chances dessa gravidez não terminar bem e há chances maiores ainda de enfrentarmos um parto

muito prematuro. Na hora que a abstinência chegar, tanto Manuela quanto o bebê vão sofrer muito.

Saio do hospital pior do que entrei. Depois dos primeiros exames, constatamos que o bebê é bem menor do que devia ser para vinte e duas semanas. Ele está debilitado assim como minha irmã. Não conseguimos ver o sexo, mas a Manu diz que tem certeza de que é uma menina.

Ainda estou impactado pelo barulho fraco de seu coraçãozinho. Pelo menos, parece que Manuela também está assustada. Isso é horrível, mas bom. Ela precisa entender que não vai ser fácil. Temos outros exames e consulta com o obstetra que a acompanhará no restante do pré-natal, e o prognóstico não é dos melhores.

À tarde, volto ao escritório do Túlio para tirar as medidas da varanda e fazer mais algumas anotações. Pretendo terminar o projeto nos próximos dias, mandar para aprovação dele e já começar a executá-lo.

Manuela vai comigo. Não sei se é a esperança de ficar bem ou se realmente acredita que o bebê pode salvá-la, mas sua aparência melhora um pouco mais a cada dia. Ela tem comido bastante também e me deixado cuidar dela, o que é bem raro em se tratando dessa garota. Não sei quanto tempo isso vai durar.

— Por que está medindo essa parede? — Minha irmã pergunta, guardando o celular que lhe dei no bolso do macacão. Ela tem conversado bastante com a nossa

mãe, que tomou um choque daqueles com a novidade, mas parece tão esperançosa quanto a Manuela.

A relação das duas nunca foi muito boa. A Manu a culpa por ter aceitado a violência do nosso pai por tanto tempo, o que é meio irônico, afinal minha irmã acabou em um relacionamento muito parecido. Por mais que eu não concorde com a forma que elas lidaram com tudo, não posso julgá-las. Quem sou eu para falar alguma coisa?

— Quero aproveitar esse espaço para montar um jardim vertical. — Mostro algumas imagens no notebook de outros trabalhos e ela se empolga, perguntando se pode me ajudar.

O bebê parece sentir sua felicidade e começa a se mexer. Já estou me acostumando ao gritinho que Manuela dá quando isso acontece e também como puxa minha mão

e leva até sua barriga. Ela quer mais do que tudo que esse bebê se sinta amado.

Sorrio, deixando-me contagiar por esse momento de alegria. Minha irmã me abraça e acomoda a cabeça em meu peito. Beijo seus cabelos e levanto o olhar para a porta de vidro que nos separa do interior do escritório.

Alguém nos observa. O reflexo da luz me impede de garantir, mas tenho quase certeza de que era a Luiza.

Bem, pelo menos dessa vez, não deixei cair nada nela.



Speak and open up your mind
It's something you should do all the time
Keep exploring, seek and find
You know you might surprise yourself[13]

"Surprise Yourself" – Jack Garratt

— O André é realmente uma delícia, hein? — Branca diz atrás de mim. Ajo como se nem tivesse ouvido seu comentário.

Olho dela para o André, que parece ter me visto e saio dali, voltando para o meu escritório. Nem preciso dizer que a Branca me segue.

— Está fugindo por quê? — Continua, me examinando com aquele olhar fatal.

— Não estou fugindo. Estava voltando do banheiro quando vi que o paisagista estava lá e parei para agradecer pelas flores.

— Você deve estar com algum problema muito sério, amiga, porque você encarou o *paisagista* — zomba do meu tom. — durante pelo menos cinco minutos.

— Você estava me espiando?! — Cruzo os braços, na defensiva.

— Você estava espiando o André. Por um acaso você tem o direito exclusivo do ato de espiar? — Ela

rebate, jogando uma mecha de cabelos para trás.

Quando Branca teima com algo, não há quem tire isso da sua cabeça. Sei que negar só a levará a desconfiar do que não existe, então confesso a verdade.

— Eu ia agradecer, aí o vi com a garota e esperei. Depois pareceu que eles dividiam um momento íntimo e fiquei parada. Não quis atrapalhar o momento dele com a namorada.

— Ai, Lu, o André pode ser uma delícia, mas ele não tem vocação para Lannister não, viu? — Branca faz referência a série de livros Guerra dos Tronos, mas não entendo onde ela quer chegar. — Jamie e Cersei. Dã! Aquela é a Manuela, a irmã do André.

Arregalo os olhos e começo a rir da referência idiota da Branca. Jamie e Cersei vivem uma relação

incestuosa.

— Entendi. — É tudo o que digo.

Ela fica tamborilando os dedos na minha mesa e quase posso ver as engrenagens do seu cérebro se movendo e bolando mais algum plano mirabolante. Há duas coisas que Branca ama: planos e planilhas.

— Vocês deviam transar. — Diz com a maior naturalidade possível.

— Ah, pelo amor de Deus. — Reviro os olhos.

— Não mete Deus nisso. Vai para o lado contrário. Pensa num sexo daqueles, de sair faísca e incendiar uma cama. — Ela suspira e se abana. — Afe! Vou ligar pro meu gato porque agora quem precisa transar sou eu. — Caminha em direção à porta e para, me olhando atentamente antes de sair. — Mas eu falei sério. Pensa

nisso, tá? Depois desenvolvemos essa questão.

E antes que eu possa mandá-la parar, ela some da minha frente.



She sets, she sets the city on fire
She sets the city on fire
Burns like a million lighters
I'm going up, I couldn't get much higher[14]

"She Set the City on Fire" – Gavin DeGraw

Manuela me espera na recepção enquanto converso com Túlio que aprova todas as minhas ideias. Ainda hoje terei um esboço de projeto. Estou bem satisfeito.

Saio de sua sala e envio uma mensagem para Rafael, avisando que alguns materiais para o jardim dele chegarão amanhã. As outras obras que estou tocando estão sob a supervisão de equipe terceirizada, mas pretendo visitá-las ainda hoje.

Distraído, guardo o celular no bolso e paro de supetão quando Luiza cruza o corredor.

— Hum. Parece que quebramos um ciclo. — Provoco e ela sorri.

— Ufa. Ainda não repus a roupa reserva. — Ela devolve a provocação para em seguida apertar os lábios, sem jeito. — Obrigada pelas flores.

— Estou te devendo ainda. As flores eram um pedido de desculpa pelo banho de terra.

— Fica valendo para tudo. Não se preocupe.

Nós nos olhamos por mais alguns segundos e balanço a cabeça, assentindo. Quando resolvemos nos mexer quase trombamos de novo.

— Opa. Essa foi por pouco. — Desvio para seguir o meu caminho. — Boa tarde, Luiza.

— Boa tarde, André. — Ela responde com um brilho enigmático no olhar.

Somente quando chego à recepção me dou conta de que não fomos formalmente apresentados e é estranho porque tenho a sensação de que é desse jeito que tem que ser.



I'm a woman
A woman with a heart
And i deserve your all
I'm not some girl who don't know what she wants
I'm a woman
And i need to be touched
And i need to be loved[15]

*"**Woman" – Toni Braxton***

Retorno de mais uma reunião para tentarmos um acordo que seja justo aos querelantes, no caso do vazamento químico, e mais uma vez não venho com

notícias positivas.

Paro no escritório de Bernardo a caminho do meu.

— Eles querem pagar cinco mil reais por cliente, acredita? — Esbravejo.

Bernardo estava digitando algo e para com as mãos sobre o teclado, apontando para a cadeira à sua frente.

— Isso não paga nem o começo do prejuízo que aquelas pessoas tiveram. — Ele está tão indignado quanto eu, mas muito mais calmo.

Respiro e expiro várias vezes. Costumo me envolver emocionalmente com meus casos, mas nunca deixo que isso transpareça. Não sei o que está havendo. Estou muito estressada nos últimos dias.

— Preciso de algo antes da audiência. Não é

possível que aqueles caras vão se dar bem depois de destruírem o lar daquelas pessoas.

Odeio perder. Só o pensamento da perda me afeta demais. E não é pelo meu ego. Claro que uma parte, é, mas não o todo. Eu me formei em direito porque queria ajudar as pessoas. Trabalho em causas em que acredito. Não é justo perdermos e não sei mais o que posso fazer para virar esse jogo.

— Você está bem? — A pergunta de Bernardo me surpreende. O que isso tem a ver com o caso?

— Sim, por quê? — Respondo no automático.

— Não, Luiza. Estou perguntando se você está bem, de verdade. — Ele fica em silêncio e não sei se está procurando as palavras certas ou se está me dando um tempo. — Há quanto tempo você não sai?

— Eu fui visitar a minha família no fim de semana. — Franzo a testa sem saber onde ele quer chegar.

— Isso não conta. Você coloca o trabalho e a família em primeiro lugar. Sempre. — Passa a mão na cabeça, pensativo. — Desde que te conheço, nunca vi você colocando a si mesma em primeiro lugar.

— Eu faço o que tenho que fazer.

— Não, você faz o que acredita que tem que fazer. Olha, eu estou falando por mim. Quando a gente coloca outras pessoas em primeiro lugar o tempo todo, a gente se anula. Também somos importantes, Luiza.

— Eu sei.

A resposta não é tão clara quanto quis que ela parecesse. Não sei o que dizer. Quando entrei na sala do Bernardo, queria desabafar sobre o caso e pronto.

Retomar minha tranquilidade habitual.

— Às vezes, quando estamos muito focados em um problema, não conseguimos ver a resposta que pode estar bem a nossa frente. Basta dar um passo atrás e, pronto, você aumenta o seu campo de visão. — Ele fala de forma branda, cada dia mais parecido com o Túlio. — No passado, foi justamente quando dei um passo atrás que as coisas começaram a caminhar para frente. É contraditório, não é?

— Muito.

Não estou acostumada a me abrir com Bernardo. Não estou acostumada a me abrir com ninguém. Mesmo com Branca e Carla, nunca deixo a amizade passar da superfície, por mais que goste delas.

— Desapega um pouco. Você é uma excelente

profissional. Uma das melhores que conheço. Não deixe que sua vida seja só isso. Se permita ter algo mais.

A conversa não vai muito mais longe. Não sei como continuar. Nem faço ideia de como ele viu tudo isso. Agradeço pelos conselhos e vou para a minha sala. Tenho muito trabalho a fazer.



Já passa das nove da noite quando saio do prédio. Não adiantou muito ficar, os resultados não mudaram.

Deixei meu carro estacionado na rua ao lado. Estou virando a esquina quando sinto puxarem meu braço com força, tentando levar a minha bolsa. Giro o meu corpo e levo apenas um instante para avaliar a situação. O

garoto não está armado, mas não parece que vai desistir da bolsa.

Puxo meu braço e ele me empurra contra a porta de uma loja fechada. Nem penso mais. Fecho a mão e dou um soco com força em seu rosto. Ele se desequilibra, surpreso. Aproveito de sua reação e aplico uma chave de braço.

O movimento chama a atenção de algumas pessoas, incluindo um dos seguranças do prédio em que trabalho, mas André chega até mim antes dele, bem a tempo de me ouvir dizendo:

— Vá embora, garoto. Corre, bem rápido.

As pessoas começam a gritar por polícia, justiça e estão prestes a se juntar para bater no menino, mas eu não posso permitir isso. Uma coisa é impedir que ele me

machuque ou leve meus pertences, outra é fazer justiça com as próprias mãos.

Ele me olha, confuso, e a compreensão brilha em seu olhar. Sabe que o estou salvando de uma bela surra ou pior.

Um cara tenta correr atrás dele, mas André o impede. Agora sou eu quem estou surpresa. Nos dias de hoje, as pessoas costumam bater primeiro e perguntar depois.

O garoto, que não devia ter mais que dezesseis anos, corre para bem longe. Está salvo, dessa vez. Mas ninguém garante que escapará da próxima. Talvez ele nem chegue à vida adulta.

Um sentimento estranho se espalha dentro do meu peito. Uma impotência em ver que há gente que nunca vou

conseguir ajudar.

A multidão se dispersa e apenas André fica ali, olhando para mim.

E, pela primeira vez em muito tempo, acho que alguém entende o que estou sentindo.



I don't care where we sleep tonight
I don't care if it's in or outside
You know what to do
Make a move
You can throw away your phone
Make believe that we're all alone
I'm talking to you
Make a move, 'cause I'm ready[16]
“Make a Move” - Gavin DeGraw

— Você está bem? — Pergunto, me aproximando.

— Não muito. — Ela é sincera.

É a primeira vez que vejo alguém proteger a pessoa que quis lhe fazer mal e é um pouco maluco, porque acho que teria feito o mesmo em seu lugar. Nunca consegui olhar para um moleque de rua sem pensar que ele poderia ser a Manuela. É incrível como a nossa perspectiva muda se nos colocamos no lugar do outro. O que eu não queria para a minha irmã, não queria para ninguém.

— Quer beber alguma coisa? — Ofereço e a observo refletir. Dá para ver que não sabe bem como me responder.

— O que você está fazendo aqui?

— Estava no escritório com alguns funcionários, descarregando o material que vou usar amanhã. A administração do prédio só permite o acesso depois do

horário comercial.

— Ah. — Ela diz como se isso explicasse tudo. — Quer mesmo beber?

— Eu não estava perguntando por educação. — Dou um sorriso, que ela corresponde devagar.

— Meu carro está logo ali. — Aponta, procurando a chave na bolsa.

— Está bem. Vou com você então. Na volta você me deixa aqui e pego meu carro, pode ser? — Luiza parece espantada, mas concorda. Entramos no carro e ela segue em silêncio. Não tenho alternativa, além de continuar a falar. — Onde é que você aprendeu a bater daquele jeito?

— Moro sozinha em São Paulo. Me proteger faz parte. Tive aulas de defesa pessoal e treino boxe duas

vezes por semana.

— Uau. Acho que tenho que agradecer a Deus por sua reação quando trombamos ter sido a de me ignorar por completo e sair como um raio de perto de mim, né?

— Com certeza. Melhor te ignorar do que deixar uma bela marca roxa nesse seu rosto bonitinho. — Ela sorri, dando a partida no carro.

— Quer dizer que você acha meu rosto bonitinho? — Eu a provoco. Ela aperta os lábios, mas não consegue conter o sorriso. — Sendo assim, obrigado, Deus, por ter me poupado de uma morte lenta e roxa.

A gargalhada de Luiza preenche o carro. Missão cumprida com sucesso.



This is how the story went
I met someone by accident
That blew me away
That blew me away
It was in the darkest of my days
When you took my sorrow and you took my pain
And buried them away, you buried them away
I wish I could lay down beside you
When the day is done
And wake up to your face against the morning sun
But like everything I've ever known
You'll disappear one day
So I'll spend my whole life hiding my heart away[17]

“Hiding my Heart” - Adele

A culpa é do Bernardo.

Aquela conversa ficou me atormentando o dia todo, então quando André me fez o convite para beber alguma coisa, parte de mim queria dizer não, mas uma outra parte, bem pequena, quis aceitar e ver o que mudaria na minha vida se eu saísse e me divertisse um pouco. O mundo não é composto apenas de pessoas que eu posso salvar. Se pensar bem, a quantidade de pessoas que posso salvar está bem longe de ser o que eu gostaria.

Agora estamos aqui, bebendo e comendo em um bar na Vila Madalena. Eu não tinha parado para pensar em como André era ou deixava de ser, mas preciso assumir que ele é um cara e tanto. Divertido, bom papo, bom ouvinte. Falamos mais de banalidades, trabalho e evitamos o campo pessoal, pelo menos eu evito, mas

mesmo assim a conversa é bem agradável.

— Você não me perguntou por que deixei o garoto ir embora. — Mordisco um bolinho de mandioca com carne seca.

— E nem vou perguntar. — Ele bebe um gole de cerveja.

— Por quê? A maioria das pessoas ia querer saber.

— Primeiramente... — Trocamos um olhar cúmplice antes de ele continuar. — Eu não sou a maioria das pessoas e, além do mais, eu *sei* por que o deixou ir.

— Por quê?

— Empatia. É quem você é e também o que te fez escolher a advocacia como profissão. Você quer ajudar as pessoas. — André não desvia o olhar do meu enquanto

fala.

Meu primeiro impulso é fugir. Ele enxerga demais quem sou para alguém que mal me conhece.

— O que você teria feito?

— O mesmo.

— Mas por que você o deixaria ir? — Devo estar parecendo uma idiota com tantas perguntas. Ele desperta a curiosidade em mim.

— Porque em algum lugar pode ter alguém esperando que ele volte e não sou eu que vou destruir isso. As pessoas veem um criminoso. Eu vejo uma criança. Não sei a história dele para poder julgar. É só um garoto perdido. É como a música do Criolo: "As pessoas não são más, elas só estão perdidas. Ainda há tempo.".

“Um idealista. Eles são raros. Devem estar em

extinção. A ironia é que são eles que poderiam mudar esse mundo para melhor." – quase posso ouvir a voz da vó Lucinda. Se ela conhecesse o André, com certeza perguntaria se poderia passá-lo para o nome dela. Tudo o que ela ama, quer no seu nome.

— Você sabe que é provável que ninguém nesse bar pense como a gente, certo? — Continuo. André me intriga.

— Sim, eu sei. — Ele apoia os braços na mesa e aproxima seu rosto do meu. Sua voz é baixa e grave. — Mas saber que mais ninguém me apoiaria não me faz querer mudar quem eu sou.



She would change everything, everything, just ask her
Caught in the in between of beautiful disaster
She just needs someone to take her home
She's giving boys what they want
Trying to act so nonchalant
Afraid to see that she's lost her direction
She never stays the same for long
Assuming that she'll get it wrong
Perfect only in her imperfection[18]

Beautiful Disaster – Jon McLaughlin

Abro a porta do apartamento. A única luz acesa é a

do corredor. Vou até o quarto e observo Manuela e minha mãe dormindo. O fato de ela estar com minha irmã foi o que me deixou seguro para sair. Mesmo que tenha se tornado uma pessoa calada ao longo dos anos e ainda sofra o impacto de uma vida de agressões, D. Maria, minha mãe, é uma lutadora.

Quase tropeço em Mulder quando vou me afastar do quarto e praguejo em voz baixa, mas é o suficiente para acordar Manu. Ela se senta na cama, enquanto meu gato me encara como se o culpado fosse eu.

— Volta a dormir. — Murmuro, tentando não acordar minha mãe também.

Vou para a sala e me sento no sofá, deixando Mulder pular em mim. Ele não está gostando muito da movimentação aqui em casa. Acaricio sua cabeça e vejo

Manuela aparecer e se sentar ao meu lado.

— Você trabalha até tão tarde assim? — Boceja, esticando a mão para fazer carinho nas costas do Mulder.

Conto o que houve com Luiza e ela fica admirada, querendo saber mais, então digo como nos conhecemos, as trombadas, os desastres.

— É a sua cara isso. — Ela ri.

— Por quê? — Estico os braços, me espreguiçando. O cansaço do dia está batendo.

— Você está sempre ocupado demais ajudando todo mundo. Acho que você não veria alguém interessada em você nem se trombasse com ela.

— Ela não estava interessada em mim quando trombamos, Manu.

É bom conversar assim com ela. Como se fôssemos mais novos e ainda estivéssemos naquela fase de pensar que tudo ia melhorar. Ela bancou o cupido tantas vezes no passado.

— Mas nada a impede de estar agora, né? — Ela tira o cabelo do rosto. Já não está tão pálida como no dia que chegou. Isso é bom.

— Há coisas mais importantes acontecendo agora.

Mulder sai do meu colo e se ajeita com a cabeça encostada na barriga de Manuela. Ela dá um sorriso triste.

— Eu não quero que você pare tudo por mim, Dé. Cometi erros e tenho que lidar com as consequências. Não achei que tinha escolha, sabe? A dor chegou a um ponto que era melhor parar, acabar com tudo. Sumir. — Seus lábios tremem antes que as lágrimas comecem a escorrer.

— Senti muita culpa por odiá-lo. — Ela não precisa dizer que se refere ao nosso pai. — Era como se eu o tivesse atropelado e fugido.

— Alívio e culpa, né? Na mesma proporção. E isso machuca.

Tenho meu próprio modo de lidar com essa mágoa. Toda a raiva que senti do meu pai tento transformar em algo bom para outras pessoas. Tento dar uma chance para que saiam das enrascadas em que se metem. Foi assim com o Rafael e será assim com minha irmã. Eu faria qualquer coisa por ela.

— Esse gato é você, né? — Manuela toca o lugar onde a pata foi amputada. — Você conseguiu ficar bem mesmo te faltando um pedaço.

Coloco o braço em seu ombro e a puxo para mim,

beijando sua testa. Ela não deixa de ter razão, mas há algo que precisa entender, então respondo:

— Esse gato pode ser qualquer um de nós.



Oh you're saying such sweet things I've never heard
I can tell that you care without saying a word
I've never met anyone like you before
Don't wanna go too fast but I want more of
You don't have to worry we're taking our time
We can talk about whatever
Well baby that's fine
As long as you're laughing too
You got the most adorable smile that I've ever seen[19]
"Hey Brown Eyes" – Hemã JR

— Você sabe que é perfeitamente capaz de arrasar no trabalho e transar pra cacete com o André, não sabe?

— Branca pergunta no meio da balada, antes de sair para pegar outra bebida. Ela cismou com isso e não há nada que a faça mudar de ideia.

Fico sentada em um dos sofás de couro, espalhados pela área vip da casa. Sim, continuei aceitando convites para sair e tentar não ficar o tempo todo focada no trabalho.

Já estamos no primeiro fim de semana de dezembro, consegui ganhar o pro bono e a comemoração hoje é por isso. Carla está com o noivo, dançando na pista.

Estamos na balada Batidas Perdidas e, honestamente, estou tentando entender que nome é esse. O namorado da Branca é um dos sócios e agora ela está debruçada sobre o balcão do bar, enquanto ele a segura

pela nuca e a puxa para um beijo.

Meu celular vibra e outra foto chega no grupo da família, composto por minha vó, minha irmã e eu. É mais uma foto da cidade toda decorada para o Natal. Logo depois chega uma imagem da barriga da minha irmã, com um gorro de Papai Noel e algodão colado. Sorrio por saber que é uma arte da Michele. Ah, que saudade.

— O que te deixa mais feliz aí — André aparece à minha frente apontando para o celular. — do que aqui? — E depois ao nosso redor.

— O que faz aqui? — A surpresa me faz responder com outra pergunta.

— Sou amigo dos sócios. — Ele dá de ombros.

— É claro que é. — Eu me deixo levar pela risada. Nem sei explicar de onde vem o desejo, mas quero

que ele fique e converse comigo. — Minha irmã e minha vó estão me mandando fotos da cidade decorada. Olha. — Estendo o celular para ele, que se senta ao meu lado e sorri.

Engatamos uma conversa sobre família. É pessoal e superficial ao mesmo tempo, porque ainda que estejamos falando de quem tem nosso sangue, desviamos completamente o assunto, quando se torna próximo demais.

Nunca imaginei que a barreira que coloquei em volta de mim fosse tão ruim até encontrar alguém que fizesse o mesmo.

— Você está sozinha aqui? — Ele pergunta depois de uma meia hora de conversa.

— Em teoria estou com minhas amigas, mas não

sei exatamente onde elas estão. — Ergo o pescoço, procurando-as. Não há nem sinal de nenhuma.

— Quer sair daqui? — A pergunta vem do nada.

Eu o encaro sem saber bem o que isso significa, mas a curiosidade me vence.

— Quero!



Take it all in, take it all in
Never forget this night
Take it all in, take it all
This is what life's about

So take in all you know[20]

“Take It All In” – Trent Dabbs

Estou esperando Luiza no bar, quando Branca aparece e pelo jeito que ela ri, sei que está bêbada.

— Meu amigo, André! — Ela me abraça.

— Oi, Branca.

— Encontrei com a Luiza no banheiro e ela disse que vocês vão sair pra transar, né?

— Como é?

— Não, não, não. — Ela balança as mãos em frente ao rosto. — A Luiza disse que vocês vão sair. Eu digo que vocês vão transar. — Ela aponta para seu peito. — Agora o que você me diz?

— Eu digo que está na hora de beber um

pouquinho de água. — Peço uma garrafa para o barman e entrego a ela.

— Para de ser chato. — Ela empurra a garrafa. — Eu tenho que te contar uma coisas. Vocês dois juntos... é destino!

Meu celular vibra no bolso e o pego. É minha mãe me avisando que Manuela está dormindo e bem. Respondo dizendo que vou demorar para chegar e que ela não deve se preocupar.

Envio a mensagem a tempo de ver Branca gravando um áudio. Algo sobre uma nuvem escura, uma fênix, um herói com uma marca.

Meu celular vibra de novo e vi que a mensagem é da própria Branca.

— É a prova. — Ela balança a cabeça, bem séria.

— Vocês estão destinados um ao outro. A vidente disse.

Coço a cabeça, sem saber o que fazer. Vejo Luiza andando em nossa direção e já estou cogitando procurar alguém para ficar com Branca, quando ela corre para os braços do namorado, que aparece no meio da multidão.

— Pronto para ir? — Luiza me pergunta, uma leve timidez aparecendo em sua postura sempre confiante.

— Mais do que pronto.



You have suffered enough
And warred with yourself
It's time that you won
Take this sinking boat and point it home
We've still got time
Raise your hopeful voice you had a choice
You've made it now[21]

"Falling Slowly" – Gleen Hansard

— Aonde vamos? — Pergunto ao sairmos da balada.

— Bom, você me segue até a minha casa? — Devo estar com a maior cara de espanto. André dá uma gargalhada. — É que não tem por que ficarmos com os dois carros e eu moro há dez minutos daqui. Estacionamos um lá e seguimos com o outro. O que acha?

— Está certo.

Como André disse, não demoramos a chegar. Ele entra com o carro na garagem e volta em seguida, abrindo a porta do passageiro e sentando a meu lado.

— Muito bem. — Ele esfrega as mãos uma na outra como se tivesse algo bem planejado.

— Para onde nós vamos? — Olho para ele sem entender.

— Diga o primeiro lugar que vier à sua mente. — Diz como se fosse simples, como se em um passe mágica,

eu pudesse ir para qualquer lugar que meus pensamentos quisessem.

— Como assim?

— Assim, desse jeito. Qualquer lugar. Quer dizer, qualquer lugar possível. Se você disser Paris, não vai rolar, pelo menos não hoje.

Não compreendo o que o André quer que eu faça. Nem entendo bem por que aceitei sair com tanta facilidade. Gostei bastante da outra noite que saímos, mas aonde repetir isso nos levará?

— Para onde o seu coração quer ir?

Sinto um arrepio ao ouvir essas palavras vindo de encontro aos meus pensamentos. O que ele diria se soubesse que sem querer eles se relacionam?

— Se eu fizer isso, não voltaremos antes do

amanhecer. — Finalmente respondo.

— Eu tenho a noite toda e uma parte do dia. — Ao contrário do que eu poderia esperar, não há malícia em seu sorriso. Ele está me acompanhando sem se importar aonde chegaremos.

Não digo mais nada. Dou partida e sigo em frente. Rumo ao lugar onde nunca levei alguém comigo antes.



Duas horas depois, chegamos a Quatro Estações. No caminho, André me contou como começou sua paixão por paisagismo, então eu sabia que ele ficaria encantado com a cidade.

Abaixo o vidro e ele olha embasbacado. O

perfume das flores invade o carro. Doce e cítrico se misturam. Não há calçada que não seja colorida, não há rua que não seja arborizada. Assim é esse lugar, tão encantado que me fez voltar para casa no meio da noite, hoje.

— Uau... — Ele suspira. — Seu coração sabe das coisas. Você devia ouvi-lo mais vezes.

— Você costuma ouvir o seu? — Eu me arrependo da pergunta assim que a faço, mas ele não parece se importar.

— Menos do que deveria. Algo tem me feito ouvi-lo, ultimamente. Acho que é o Natal. É uma época mágica. Mesmo que eu não tenha muita sorte com ela.

— Sei como é. — Estaciono o mais próximo possível da praça central, mas distante o suficiente para

que ele não veja todas as luzes.

— Hum... Azar no Natal também?

— Um pouco.

Quando nossos olhares se encontram, sinto como se o reconhecesse. Não fisicamente, mas há algo nele que faz com que eu me lembre de mim mesma. Estranho.

Abro a porta do carro e desço devagar. Pelo horário, não há ninguém na rua. No centro de São Paulo, isso pode soar perigoso. Não aqui. É quase como a cidade protegesse os seus.

André desce do carro e caminhamos devagar, um ao lado do outro. Às vezes, ele para e se abaixa para examinar uma planta ou flor, toca as pétalas, analisa a terra. Se eu não estiver maluca, acho até que ele sussurra alguma coisa para elas.

Depois ele fica em pé e voltamos a andar.

— Quero te mostrar algo. — Conto quando estamos bem próximos da esquina.

— Estou pronto para ver.

— É o que me trouxe aqui hoje. Precisa ver na hora certa. — Aperto as mãos. Não sei se já me senti tão ansiosa por algo antes.

— E o que tenho que fazer? Fechar os olhos? — Ele pergunta brincando e se surpreende quando assinto.

Mesmo sem saber o que o espera, André me obedece. Hesito um momento e depois pego em sua mão para guiá-lo pelo caminho. Andamos cerca de trinta metros assim até que estamos bem em frente do lugar esperado: a decoração da praça central.

— Pode abrir. — Digo baixinho.

André faz o que peço e seus olhos brilham como se ele fosse criança outra vez. A casa do Papai Noel montada no meio da praça é encantadora. Colorida e iluminada. O pinheiro enorme ao lado e outros menores aqui e lá, completam o cenário.

Eu o guio pela mão pelo caminho de tijolos amarelos, idealizados pela Rosalinda e sua paixão pelo "O Mágico de Oz". Quando estamos bem perto da casa, podemos ouvir sons natalinos bem delicados, para não atrapalhar a noite da cidade.

Pela janela, é possível ver o Papai Noel lá dentro, dormindo. É óbvio que ele não é de verdade, mas qualquer criança que vier até aqui viverá um encantamento único.

— Quando eu tinha dez anos, um ano depois de a

minha mãe morrer — As palavras saem sem que eu perceba. André estreita os olhos, em silêncio. Nós nunca falamos sobre esse assunto antes. —, eu vim aqui de madrugada. Saí escondida de casa. Não sei bem o que eu esperava, mas de certa forma estar nesse lugar me trouxe paz. Me fez sentir que seria possível ficar bem um dia.

— Acho que a vida sempre dá um jeito de ficar bem, apesar de tudo. — Acaricia minha mão e me puxa lentamente para mais perto. — Depende mais da gente do que da vida, na verdade.

Com a mão livre, André toca meu rosto, com cuidado, como se não soubesse bem se devia seguir adiante. Nossos olhos conversam em silêncio e reparo que os dele se franzem um pouco, parecendo refletir sobre a situação.

Não me afasto quando ele dá um passo em minha direção. Seus lábios tocam os meus enquanto nossos dedos se entrelaçam. Meu corpo todo se arrepia mediante seu beijo que alterna sensualidade e delicadeza. Quando ele usa a mão livre para segurar minha nuca, me entrego ainda mais. Nossas bocas se encaixam avidamente como se esperassem por isso muito antes do que nos déssemos conta.

Meu coração dispara. Sem querer, acabei de marcar para sempre o meu lugar preferido no mundo.



When the fear takes you down
When the doubt takes you under
You're not in this alone
You got me[22]

"You Got Me" – Gavin DeGraw

E, depois de dias tão turbulentos, sem saber como me preparar para o que o futuro reserva para a minha família, finalmente desfruto de um momento de paz.

Há pessoas que quando se beijam dizem ser

transportadas para outro lugar e que isso é incrível. Não sei se é história de filmes e livros açucarados. O que eu sei é que não fui transportado para lugar nenhum, ao contrário, o que me contagia nesse beijo é estar completamente aqui.

Neste instante.

Neste lugar.

Com esta mulher e nada mais.

Desço minha mão para seu ombro e me aproximo um pouco mais, querendo fazer durar. Luiza mergulha os dedos em meus cabelos e suspira contra meus lábios. Quase sorrio quando sinto meu coração disparar.

É aí que eu me afasto, devagar. Sua expressão demonstra que ela não pretendia deixar o contato acontecer. Bom, não posso dizer que planejei, mas não

mudaria o que houve.

Luiza desperta minha curiosidade, me mantém atento, faz com que eu queira saber mais sobre ela do que pensar nos meus atuais problemas.

— Ah, meu Deus. — Coço a cabeça, tentando manter um sorriso debochado nos lábios. — Você também está ouvindo sinos?

Minha frase tem o resultado esperado e ela ri, se descontraindo.

— É claro que estou. — Aponta para a porta iluminada. — Eles vêm da casa do Papai Noel.

— Ah, puxa. — Finjo confusão. — Depois de um beijo desses, eu jurava que... Nossa. Tem certeza que não foi um coro de anjos ou algo assim?

— Olha, até que foi bom, mas coro de anjos é

exagero. — Virando a cabeça, como se estivesse refletindo, é a vez dela me provocar.

Nem dou tempo para que ela caminhe novamente pelos tijolos amarelos. Seguro seu braço e a puxo de encontro a mim. Ela se choca contra meu peito e nos beijamos outra vez até quase perdermos o fôlego.

— Acho que agora eu posso ter ouvido um sino ou outro. — Ela pisca e se afasta, andando à minha frente.

E tudo o que faço é segui-la, completamente contagiado pelo clima encantador desta cidade.



Na volta, paramos em uma lanchonete vinte e quatro horas. Luiza não quis ficar mais tempo em Quatro

Estações e não perguntei a razão. Eu não dou detalhes da minha família para ela, então entendo se houver algo que queira manter em segredo. Todos nós temos nossas provações, no fim das contas.

Como ambos evitamos assuntos pessoais, falamos de filmes, séries e livros. Ela ri quando digo que sou fã de Harry Potter. Imagina se soubesse o quadro que pedi para um amigo meu pintar, inspirado daquele universo.

— Acho que Senhor dos Anéis faz mais a minha cabeça. — Ela abre o aplicativo do Kindle no celular e me mostra o livro que está relendo.

— Senhor dos Anéis é incrível. E não há nada que te impeça de gostar dos dois. — Dou um gole do meu refrigerante.

— Ah, não sei. Quando tentei ler HP, não me

conquistou não. — Morde a batata-frita, desdenhando.

Meu queixo cai e coloco a mão no peito, fazendo a maior cena de drama que consigo.

— Você leu errado. Vai ter que ler de novo.

E continuamos assim até voltar para o carro. Olho no celular de tempos em tempos, a preocupação com Manuela bate e também um pouco de culpa por não estar lá, caso precise de mim.

Quando Luiza me deixa em casa, tiro um cartão da carteira e lhe entrego.

— Meu celular está aí. — Dou um beijo rápido em seus lábios. Instintivamente, ela os toca com a ponta dos dedos. — Foi uma noite e tanto.

Não digo mais nada. Agora está em suas mãos.



I been running from the pain
Trying not to feel the same
But it's a shame that we're sinking
See my confidence is shaking
And my heart is feeling vacant
So you try to fill it in
You say "I can fix the broken in your heart
You're worth saving Darling"
But I don't know why you're shooting in the dark
I got faith in nothing[23]

"How to Love" – Cash Cash feat. Sofia Reyes

— Posso ficar com o caso. — Respondo após Bernardo expor uma parceria que faremos com outro escritório.

De vez em quando elas acontecem, porque o Túlio é um grande amigo de Jean Paolo Bertolazzo, um advogado bastante influente em SP e sogro do Bernardo. Trabalhar em conjunto com eles não é algo que aprecio, afinal os homens me fazem ter vontade de agir como uma adolescente e revirar os olhos a cada cinco segundos.

Mas me esconder numa bolha e lidar apenas com pessoas que aprecio seria fácil demais.

— Não é o tipo de ação que você costuma pegar. — Henrique, o representante de Jean Paolo me olha de cima a baixo. — Vamos defender uma multinacional.

Bernardo abre a boca para interceder, mas sou

mais rápida:

— O que quer dizer com isso? — Estreito os olhos. E pensar que no passado cheguei a me sentir atraída por esse imbecil. É claro que isso durou até que ele abrisse a boca.

— É uma multinacional e não os tipinhos fracos e oprimidos de quem você prefere ficar ao lado. — Eu me ajeito na cadeira, incomodada e ele continua, incapaz de calar a boca. — Qual é, Luiza? Não vamos ser sentimentais. Sei que é maior que você e natural do gênero feminino, mas só estou dizendo a verdade. Você prefere defender pessoas como você.

— O que quer dizer com isso? — Dessa vez Bernardo é mais rápido e seu tom não é nada amigável.

— Ah, Bernardo, pelo amor de Deus. — Henrique

ergue as mãos. — Não dá para conversar com vocês se tudo o que falo, vocês levam para o lado politicamente correto. A Luiza gosta dos párias da sociedade. Daqueles que *não tiveram opções melhores*. — Ele faz aspas com as mãos. — Me parece que ela se identifica com eles.

Bernardo empalidece e se levanta, prestes a rebater.

— Em primeiro lugar — meu tom é mordaz —, quem eu defendo ou com quem me identifico jamais dirá respeito a você. Sou perfeitamente capaz de fazer uma boa defesa, seja quem me contratar.

Por mais que eu tenha, sim, uma longa lista de casos em que defendo pessoas que realmente precisam e são abandonadas pela sociedade, não permitirei que esse homem faça pouco disso.

— Agora pronto. — Ele tenta argumentar e o interrompo, me levantando.

— E em segundo lugar, avise ao Jean Paolo que pegarei o caso, mas sem você nele. — A expressão de choque no rosto de Henrique chega a ser cômica. — Seu escritório precisa de mim ou você não estaria aqui. Vá estudar um pouco sobre o meu histórico e a quantas multinacionais defendi. — Ajeito meu blazer e ergo o queixo. — E, por último, nós advogamos por justiça e por não identificação. Se não fosse assim, todos os seus clientes seriam babacas, preconceituosos e misóginos.

E saio da sala sem olhar para o idiota que pensou que poderia estragar meu dia.



O resto do dia corre sem maiores problemas. Recebo uma ligação do próprio Jean Paolo Bertolazzo se desculpando pelas ações do Henrique e pedindo que eu cuide do caso. Nada diferente do que eu esperava, afinal, diferente do seu funcionário, ele conhece o meu histórico.

O expediente desta quarta-feira está acabando e me sirvo uma xícara de café, enquanto olho para a grande sacada. O líquido quente preenche minha boca com seu sabor delicioso. Que vício maravilhoso.

Observo André colocar o que me parece ser um broto de planta em uma espécie de jardim vertical. Ele se abaixa, pega um broto e o acomoda gentilmente em seu espaço. Os músculos se tencionam sob a camiseta. Os cabelos loiros, ondulados, se agitam com a brisa.

Ele se vira devagar, meio de lado e posso ver seu perfil. Seus lábios se movem devagar. Não há ninguém perto dele, então só posso supor que ele está falando com as plantas, como fez em Quatro Estações.

Um sorriso bobo me escapa.

Estamos cercados de prédios em nossa selva de pedra, bem no coração de São Paulo, e, alheio a tudo, está esse belo homem que conversa com plantas.

— Se o escritório for processado por assédio, juro que te mato! — Branca diz atrás de mim, fazendo com que eu me sobressalte e por pouco não derrube café em mim mesma outra vez.

— Não começa. — Coloco a xícara sobre uma mesa.

— Quando o meu pai decidiu criar esse espaço,

acho que não era a intenção dele que ficássemos babando por quem o estivesse fazendo. — Ela se aproxima da janela de vidro e o analisa, estreitando os olhos. — Mas, cacete, que bunda! Ok, a gente olha por mais cinco segundos e aí para. Pronto. — A maluca faz exatamente isso e se prepara para sair, não sem antes me provocar. — Não sei como vocês não transaram ainda. Sério!

Não demora muito e me distraio outra vez. André e eu não conversamos mais depois da pequena viagem há Quatro Estações.

Pego o meu celular e toco a tela, olhando para o número dele. Começo a digitar uma mensagem. Envio sem pensar muito.

Você ainda precisa me contar o que tanto

conversa com as plantas.

André pega seu aparelho do bolso no mesmo segundo. Um sorriso toma seus lábios e se torna ainda mais gigantesco quando ele se vira para olhar para mim, antes de digitar.

Conto hoje. Quer sair mais tarde?

Nem preciso pensar. Respondo que sim e passo meu endereço e o horário para que ele me pegue em casa. André me manda outra mensagem, dizendo que mal pode esperar e dessa vez sou eu quem não consegue conter o sorriso.



This world is getting colder
Strangers passing by
No one offers you a shoulder
No one looks you in the eye
But I've been looking at you
For a long, long time
Just trying to break through
Trying to make you mine
Everybody wants a flame
But they don't want to get burnt
Well today is our turn[24]

"Bonfire Hearts" – James Blunt

Estaciono em frente ao prédio de Luiza às 20h e envio uma mensagem. Ela não demora a sair. Está usando um vestido azul sem mangas, delicado, que a deixa com um ar jovial.

Ela dá um beijo em meu rosto e sinto o cheiro de lavanda.

— Usar essência de flores com um paisagista é golpe baixo. — Aspiro seu perfume, virando o rosto devagar, de modo que nossos lábios se toquem por um instante. — E então, aonde vamos?

— Para onde o seu coração quer ir?

Não sei explicar o que sinto ao vê-la usando as mesmas palavras que usei na outra noite. É muito importante quando alguém deseja saber realmente o que o

outro quer.

— Muito bem. Prepare-se.



Meia hora depois, estacionamos em frente à Villa Encantada, ONG mantida pela família Villa, que atende mulheres e crianças em situação de risco ou abandono.

Fernando Villa é um homem incrível. Eu o conheci por ser o avô da Viviane, mulher do Rafael, e me apaixonei pelo trabalho da ONG. Se minha mãe tivesse tido esse apoio quando Manuela e eu éramos pequenos, talvez a vida da minha irmã tivesse tomado um rumo diferente.

— Eu já ouvi falar desse lugar. — Luiza diz ao

descer do carro e olhar para a fachada colorida da ONG.

— Meu último caso pro bono veio daqui. Foi um pedido pessoal do senhor Fernando. Defendi uma jovem que acabou matando o marido em legítima defesa.

— Então foi você que conseguiu provar a inocência da Janaína? — Fico surpreso com mais essa coincidência.

— Janaina Correa? Não é possível que estejamos falando da mesma pessoa. — Pergunta enquanto toco o interfone.

— Estamos. Eu conheço todas as pessoas daqui.

— Como assim?

— Você vai entender quando eu mostrar.

Josealdo abre a porta e me abraça efusivamente, olhando Luiza com interesse.

— Quem é essa belezinha?

— Se comporta, seu velho danado. — Dou um beijo no zelador da ONG. Mais um que Fernanda, a neta de Fernando Villa e prima de Viviane, tirou das ruas.

Luiza o cumprimenta e não parece se importar em ser abraçada e beijada por ele. Isso me aquece o peito. Todas as pessoas daqui precisam de muito carinho. A vida já bateu demais nelas.

Assim que entramos e as crianças me notam, elas correm para perto de mim. Luiza me observa atentamente. Não sei o que pensa, mas há um brilho em seu olhar, como se estivesse muito feliz. Isso me faz bem.

Beatriz, um menina negra, recém-acolhida com sua mãe, encara Luiza com os olhos brilhando.

— Que namorada mais linda! — Ela bate palmas.

— Não é mesmo, Bia? — Eu acaricio seus cabelos. — Só perde para você. — A pequena sorri. — E aí, você fez o que eu pedi?

— Sim! — Ela responde e sai correndo.

— O que pediu? — Luiza pergunta, curiosa.

— Você vai ver. — Pego sua mão e a guio pelo espaço.

A ONG funciona como um abrigo para essas pessoas. Fernanda coordena cada detalhe. Ela os recolhe, os ajuda, lhes dá amor, carinho e faz o possível para reinseri-los na sociedade com a dignidade e respeito que eles merecem.

— Crianças, vocês sabem que já é hora de se reunirem para ver o filme da noite e depois todos devem ir dormir. — Fernanda entra no pátio e sorri ao nos ver.

— André! Tinha que ser você para bagunçar o horário.

— Me desculpa vir sem avisar, Fê. É que eu quis mostrar algo à Luiza. — Eu me justifico, depois as apresento.

— Não tem problema. Eu só não posso ficar. Tenho que passar na minha mãe pegar meu filho e ir para casa. — Há uma sombra no rosto de Fernanda. É uma grande ironia que, justo ela que dá o sangue para cuidar dessas mulheres, não se sinta tão feliz assim ao voltar para casa. — É turno da Bete. Se precisar de algo, vai encontrá-la no escritório.

Depois que as crianças entram, nós nos despedimos dela e estendo a mão para Luiza, que não hesita em entrelaçar os dedos aos meus. Guio-a pelo corredor, mas quando estamos de frente para a porta de

madeira que nos leva ao jardim, faço um pedido:

— Agora é a sua vez de fechar os olhos.

Ela me obedece com um sorriso doce e puxo o trinco da porta, empurrando-a, depois de acender as luzes.

Luiza está usando sandálias de salto baixo e caminha devagar, tomando cuidado com onde pisa, apertando minha mão em alguns momentos.

Quando chegamos ao centro do jardim, me perco admirando-a e me esqueço de pedir para que abra os olhos. Há muito tempo eu não permitia que ninguém me tocasse assim. Ela é puro encantamento. Talvez o que nos conecte seja esse jeito tão fechado para o mundo.

Tão parecida comigo.

— Posso abrir? — Ela está ansiosa.

— Inspire e expire três vezes e então abra os

olhos.

Sei que pode sentir os mais diversos perfumes das plantas e flores que a rodeiam e, quando abre os olhos, sua expressão é de imenso prazer.

Girando o corpo, ela admira cada detalhe do jardim que projetei e executei para essas famílias, deixando que as crianças participassem e se sentissem úteis e importantes por criar e manter a vida.

— Não é uma vila inteira do Papai Noel no meio de uma praça, mas é parte do meu coração. De todos os jardins que já fiz esse é o que mais amo. Há uma horta também, ali atrás. É bom para as crianças. Elas sentem que suas vidas têm um significado aqui. Foi sobre isso que perguntei a Bia, aquela garotinha, se ela estava cuidando da horta. — Minha voz embarga. Esse espaço

significa demais para mim. É onde essas crianças podem ter o que eu não tive.

— Você é incrível. — Ela puxa minha mão e leva aos lábios, beijando-a devagar. — Poucas pessoas se importam tanto assim e menos ainda fariam tudo o que você faz.

— Você faria. — É minha vez de beijar a mão dela e a puxar devagar, para que se acomode em meu peito, sentindo-a estremecer.



If you knew how much this moment means to me

And how long I've waited for your touch
If you knew how happy you are making me
I've never thought I'd love anyone so much
Feels like home to me
Feels like home to me
Feels like I'm all the way back where I come from[25]

"Feels Like Home" - Chantal Kreviazuk

— Você fala com tanta certeza. — Estremeço.

Como ele pode saber tanto de mim? Como ele pode confiar tanto sem se preocupar?

— É porque sinto com muita certeza. — A intensidade em seu olhar me assusta.

— Não tem medo?

— De confiar?

— É...

— Mais do que imagina.

— E quer arriscar mesmo assim?

— Não sei se eu tenho escolha.

— Nós sempre temos escolha, André.

— Eu escolho isso, então. — E mais uma vez seus lábios encontram os meus.

Não sei se é o perfume das flores ou o barulho da fonte de água natural que escoa perto do centro do jardim,

mas tudo se torna etéreo.

Antes que eu perceba, anseio por mais. Eu me aconchego a André e sinto suas mãos descendo por minha cintura.

— Precisamos ir. — Ele ofega, com a testa encostada a minha.

— Para a minha casa ou para a sua? — As palavras saem com urgência.

André dá uma risada abafada antes de responder.

— Para a sua.



Destranco a porta do meu apartamento e entramos. Acendo a luz da sala e dou alguns passos à frente de

André, chegando rápido ao quarto. Deus sabe que não aguento mais esperar.

Em segundos, sua mão alcança meu ombro, mas o único movimento que ele faz é deslizar os dedos pelo meu braço.

Faço menção de me virar, mas ele me mantém de costas, afastando meus cabelos para mordiscar minha nuca. A ponta da língua toca minha pele, arrepiando-me.

Com delicadeza, ele desce o zíper do meu vestido e empurra-o para fora dos meus ombros, fazendo com que o tecido escorra por meu corpo até atingir o chão.

André segura minha cintura e me vira, prendendo o olhar no meu. Eu me encanto com a mistura castanha esverdeada de seus olhos, que brilham de desejo. Umedeço os lábios em um convite prontamente atendido.

Nós nos beijamos e suas mãos percorrem meu corpo, pairando sobre minha bunda até que a agarra, me erguendo de encontro a ele. Engancho minhas pernas em sua cintura e ele pressiona minhas costas contra a parede, permitindo que eu sinta a sua ereção.

Começo a desabotoar sua camisa e ele me deita na cama, se despindo e jogando as peças no canto do quarto. Ele tira sua cueca boxer preta e escancara o quanto me quer. Não demora e se junta a mim na cama, me beijando com volúpia.

Não resisto e o toco, envolvendo-o em minha mão. Seu gemido rouco de satisfação me excita. Ele acaricia a renda do meu sutiã e puxa o tecido com os dentes, abocanhando um seio e sugando-o vagarosamente.

Arqueio o corpo quando sinto seus dedos

invadindo minha calcinha e se aprofundando em mim. Tiro as peças de roupa que me sobram, ansiando por estar livre de uma vez.

Nós nos encaramos enquanto ele coloca a camisinha.

— Como você é linda. — Murmura voltando à cama, mordendo meu queixo e me deixando louca por seu beijo.

Tento tocá-lo outra vez, mas André tira seu corpo do meu alcance, puxando minhas pernas e me acomodando bem na beirada da cama. Quando ele se ajoelha no chão e abre minhas coxas, fecho os olhos tentando antecipar o prazer, mas nada poderia me preparar para o que sinto quando sua língua experiente me toca.

Acaricio seus cabelos e André insere dois dedos

dentro de mim, enquanto sua boca faz com que eu me derreta sobre a cama. Ele geme baixinho, se deliciando.

Estou prestes a implorar por mais, quando uma onda de prazer me rouba um gemido alto. André não dá tempo para que eu me recupere. Com agilidade, ajeita meu corpo no centro da cama e me penetra de uma vez.

Cravo as unhas em suas costas e movo o quadril de modo a senti-lo o mais próximo possível. Começamos em um ritmo lento, apreciando cada centímetro do corpo do outro. Até que ele coloca um braço sob as minhas costas e me levanta como se eu fosse composta de ar.

Ficamos frente a frente, com ele ainda profundamente acomodado dentro de mim. Seus movimentos tornam-se intensos, rápidos, abrasadores. Eu o cavalgo sem desviar nossos olhares e, mesmo quando

nos beijamos, o contato visual não se perde. Queremos ver a marca que deixamos um no outro.

A urgência vai enfurecendo os movimentos. Uma de suas mãos está firme em minha cintura e a outra em minha nuca, enquanto as minhas estão em seus ombros, dando-me a firmeza que preciso para montá-lo com intensidade, cadência e força.

O beijo agora é feroz e quente. O ritmo é incontrolável. Ele não cede. Eu não cedo. Queremos mais, mais, mais... MEU DEUS!

O orgasmo é violento e nossos corpos estremecem, desabando em conjunto na cama.

E quando penso que acabou, André me olha por um instante, cheio de significado, acaricia meu rosto e me beija como se quisesse curar todas as feridas do meu

coração.



And no need to worry that's wastin time
And no need to wonder what's been on my mind
It's you
It's you
It's you[26]

"Paperweight" – Joshua Radin feat. Schuyler Fisk

— Nunca pensou em adotar um? — Pergunto,

antes de dar uma mordida na pizza de quatro queijos que pedimos. Estamos conversando sobre o Mulder e como nossos caminhos se cruzaram, embora eu omita os detalhes sobre minha ex-mulher.

— Algumas vezes, mas quase não paro em casa. Não quero adotar um bichinho e largá-lo aqui. — Luiza coloca uma garrafa de vinho no balcão da cozinha.

Nossos cabelos estão molhados por causa do banho e ela consegue ficar ainda mais sexy, com as ondas que se formam na altura do ombro.

— Você trabalha demais. — Eu encho nossas taças.

— Olha quem fala.

— Trabalho muito, mas ainda tenho um tempo para mim. Como esse, por exemplo. — Balanço o dedo entre

nós.

— Em teoria, esse tempo também é meu. — Ela sorri.

Luiza termina sua pizza e nos encaramos. A conversa continua fluindo naturalmente entre nós. Menos no que se refere a nossas famílias. Não faço ideia se a reserva dela é pelo mesmo motivo que a minha.

— Quando eu era criança tive um dragão imaginário. — Ela confidencia e me pega de surpresa. — Minha vó é uma ótima contadora de histórias. — Fico ainda mais admirado. É quase como se ela soubesse que eu estava pensando sobre como nos preservamos.

— Minha irmã também teve um bicho imaginário. — Acabo dizendo. — Eu lia Harry Potter para Manu e ela cismou de ter uma fênix. Foi a primeira tatuagem que fez:

uma fênix enorme nas costas.

Luiza coça o pescoço, incomodada com algo, de repente. Não entendo. Quem deu abertura foi ela. Mas da mesma forma com que o clima estranho veio, ele se vai quando ela dá a volta no balcão.

Estou vestindo a camisa aberta e cueca, enquanto ela está com um baby doll branco. O contraste com sua pele está me deixando maluco. Nem preciso que ela me toque para que eu queira jogá-la sobre o balcão e recomeçar o que fizemos mais cedo.

— Você precisa ir? — Ela pergunta, com a mão sobre a minha coxa.

Meu olhar recai sobre o celular. Nenhuma mensagem. Está tudo bem, repito para mim mesmo.

Sem esperar minha resposta, ela aproxima a mão

da minha virilha. Aprecio a sensação por um instante antes de me levantar, segurá-la pela cintura e a colocar sobre o balcão.

Pego seu braço e deslizo os dedos pela cicatriz, beijando-a devagar. Há uma emoção diferente em seus olhos. *Será que se eu te contar meus segredos, você me conta os seus?*

Envolvendo as pernas em minha cintura, Luiza aproxima nossos corpos, gemendo ao sentir minha ereção e puxar minha cueca com força, me libertando. Que mulher!

Não há espera, não há calma. Eu me perco dentro dela, com um seio numa mão e a bunda na outra, trazendo-a mais para a borda e penetrando-a com intensidade.

Luiza morde meu ombro e arranha minhas costas,

pairando no limite delicioso entre a dor e o prazer.

— Não para. — Ela sussurra, acompanhando os movimentos ritmados do meu quadril.

Estamos nos perdendo um no outro, nossos corpos entregam mais do que as palavras que confidenciamos, nossas ações não se importam com os segredos que guardamos.

Quando o tremor nos toma, nossos olhares estão conectados. Em silêncio, dizemos muito mais do que ousamos deixar escapar. Já não sei se consigo controlar meus sentimentos. Estou me apaixonando por essa mulher.



Não sei exatamente quando adormecemos, mas

estamos enroscados um no outro quando meu celular toca no criado-mudo. Eu o pego rápido, evitando acordar Luiza, que se remexe, mas segue ressonando baixinho.

Abro a mensagem e é da Manuela.

Me desculpa, Dé. Me desculpa mesmo.

Você não tem que carregar mais esse peso.

Eu não aguento mais.

Ah, merda.



Please, don't see
Just a girl caught up in dreams
And fantasies
Please, see me
Reaching out for someone
I can't see[27]

"Lost Stars" - Keira Knightley

Acordo sozinha na manhã seguinte e não há sinal

do André pelo apartamento. Verifico meu celular e nada. Não consigo evitar um pouco de tristeza. Mas somos adultos e, no fim, ele é só mais um cara. É incrível, mas só um cara.

Meu dia segue normal. Não vejo André no escritório, apenas a equipe que trabalha para ele.

Eu me concentro no trabalho e quase me esqueço da noite passada. Quase. É só ter um vislumbre dela que meu corpo se arrepia. Droga.

No final do expediente, meu celular toca. É minha irmã.

— A cidade inteira está comentando que você se agarrou com um cara na praça. — Ela fala de uma vez.

— Como é que é?

— Lulu, essa cidade é minúscula. Achou mesmo

que ninguém ia te ver e espalhar a fofoca?

Eu hesito por um instante, fecho a porta da minha sala e conto para minha irmã sobre André.

— Por que você estava escondendo esse cara de mim? Como você o trouxe para Quatro Estações e não veio me ver? Luiza, por que você sempre faz isso? — Ela está furiosa. Gostaria de culpar os hormônios da gravidez, mas Letícia sempre fica nervosinha quando faço algo diferente do que ela espera.

— Faço sempre o quê? Nunca levei ninguém a Quatro Estações. — Apoio a cabeça na minha cadeira, já me arrependendo de ter aberto a boca.

— Exatamente! — Esbraveja. — Mas não é isso o que você sempre faz. Estou falando de afastar os caras, de se fechar e nem tentar. Pra que isso?

— Porque estou melhor sozinha. Eu não quero me doar para alguém e depois sofrer quando terminar. Não quero acabar como... — Engulo o complemento da frase.

— Olha — Seu tom abranda um pouco. — Preciso ir ver a Michele e não vou poder terminar essa conversa agora, mas já passou da hora de entender que você não é nossa mãe e esse cara não é nosso pai. Para de carregar esse fardo, Lulu. — Ouço-a conter o choro antes de desligar, mas isso sei que se deve aos hormônios. Ela está sentimental demais.

Coloco o celular na mesa e apoio a cabeça nas mãos, irritada. Eu não sou assim. Eu não me abalo por homens. Sou focada no trabalho. Sou profissional. Ajudo pessoas. É a isso que preciso me focar. Um cara é só um cara. Há montes deles por aí.

Sei que isso é um pouco injusto com André. Tudo o que vi até agora mostra que se eu fosse do tipo que dava chances, ele certamente mereceria uma, mas eu não sou.

Em todos os aspectos da minha vida, acredito em recomeços e segundas chances, menos no que se refere ao meu coração. Não darei a ninguém a chance de me machucar um dia.

Eu vi o que a partida do meu pai fez com a minha mãe.

Sou maior do que isso.



By now you know that I'd come for you
No one but you, yes I'd come for you
But only if you told me to
And I'd fight for you
I'd lie, it's true
Give my life for you
You know I'd always come for you[28]

"I'd Come For You" - Nickelback

Eu me sento na poltrona e cubro o rosto com as mãos. Estou destruído. Esse dia acabou comigo de uma forma que ainda não sei como me recuperar.

São quase nove horas da noite e finalmente consigo parar para ligar para Luiza. Tento uma vez e ouço a chamada até cair.

Decido enviar uma mensagem:

Podemos conversar?

Diferente da ligação, a resposta chega logo.

Não há nada para conversarmos.

A noite foi incrível, mas sexo casual é assim.

A gente se vê.

Aperto o celular, chateado. Eu devia deixar isso para lá, mas não consigo e envio outra mensagem:

Quem te machucou assim para que se fechasse tanto?

Arrependo-me da mensagem no momento em que envio. Realmente era melhor não ter dito nada e esperar alguns dias para procurá-la.

Guardo o celular no bolso e a madrugada anterior volta aos meus pensamentos.

Depois da mensagem da Manuela, corri para casa. Estava tão desesperado que quase bati o carro duas vezes. Liguei para minha mãe no caminho e ela disse que a Manu

estava trancada no banheiro e não respondia.

Mal me lembro de como cheguei ao apartamento. Precisei arrombar a porta e nunca me esquecerei da sensação de ter meu coração arrancado do peito ao ver minha irmã desmaiada numa poça de sangue, depois de ter cortado o pulso com uma faca de cozinha.

O resto é um borrão. Minha mãe gritando. Eu correndo com minha irmã nos braços. A chegada ao hospital. A espera angustiante. Minha mãe desmaiando e precisando ser socorrida. O mundo desabando. A incerteza. O medo absurdo.

Não chamei ninguém. Não contei a ninguém. Se um dos meus amigos souber, todos saberão. Sei como eles funcionam, querem apoiar. Mas eu precisava ficar sozinho. É assim que deve ser.

A primeira pessoa que procurei foi Luiza e nem sei bem por que fiz isso. Como trazê-la para essa bagunça toda? Ela tem tudo sob controle em sua vida, enquanto eu nunca sei se um dia vai terminar bem ou não. Será muito melhor para ela se eu me afastar.

Agora, levanto-me da poltrona e me aproximo da cama de hospital a que minha irmã está sedada. Beijo sua testa e não consigo conter as lágrimas. Quase a perdi, mais uma vez.

A Mila veio conversar comigo mais cedo e disse que eles não sabem como o bebê conseguiu resistir a tantos traumas.

— Tem um guerreiro aqui, né? — Acaricio a barriga da Manuela.

Convenci minha mãe a ir para casa com minha tia

e passarei a noite aqui. Não faço ideia do que vem pela frente. Todos esses dias, desde que minha irmã retornou, penso no que fazer, mas quando há esse vício maldito no meio, a vida se torna uma bomba relógio.

— Você e essa mania chata pra caralho de achar que precisa carregar o mundo nas costas sozinho. — Ouço a voz de Rafael parado na porta.

— Como você...

— A Mila — Ele responde a pergunta que nem terminei de fazer e se aproxima. — Não contei a ninguém, mas contarei a Vivi quando eu chegar em casa. Você precisa de uma base de apoio, porra. Eu sei que pode parecer ruim um monte de gente em cima e essa família sabe ser intrometida, mas, cara, acredita em mim quando digo que é mais fácil passar por isso com pessoas que se

importam de verdade.

Rafael abre os braços e coloca a mão na minha cabeça, me acolhendo como se eu fosse um garotinho.

— Não sei o que fazer, Rafa.

— Ninguém sabe, mas, por experiência própria, te garanto que ninguém aguenta esse peso sozinho.

— Eu sei.

— Se sabe, por que tá se escondendo?! Eu tô aqui, meu. Todos nós estamos, porra. — Ele dá dois tapinhas no meu braço e me entrega uma sacola. — Tem roupa limpa aí pra você. A Mila me falou do seu estado. — Ele se refere a minha roupa suja de sangue.

Pego a sacola e o observo segurar a mão da minha irmã. Se tem alguém que entende o que vivemos é Rafael.

Abro a porta do banheiro para entrar e me trocar,

mas o ouço dizer antes:

— Você precisa parar de achar que é a porra da coluna do mundo, cara.



I don't wanna be without you, babe
I don't want a broken heart
Don't wanna take a breath without you, babe
I don't wanna play that part
I know that I love you, but let me just say
I don't wanna love you in no kind of way, no no
I don't want a broken heart
I don't wanna play the broken-hearted girl

No, no, I'm no broken-hearted girl[29]

"Broken-Hearted Girl" - Beyoncé

Faltam três dias para o Natal e acredito que posso considerar que ganhei meu presente adiantado. Consegui o acordo que os querelantes do caso contra a indústria química mereciam e soube, no instante em que Túlio me chamou em seu escritório, que tinha conseguido a sociedade.

— Você mereceu, Luiza. — Ele estende a mão para me parabenizar. — Desde o seu primeiro dia no escritório você se esforça para ser a melhor. Eu a vi lutar contra o preconceito e mostrar a qualquer um que cruzasse o seu caminho que você era tão merecedora quanto qualquer outra pessoa.

— Obrigada. — Agradeço, emocionada.

— A Carla é uma profissional excelente e não tenho dúvida de que será sócia minoritária um dia, porém é a sua vez agora. Tenho um padrão acima da média e você o conhece bem. Dentre todos os que já trabalharam comigo nunca encontrei alguém que fosse tão apaixonado pela advocacia quanto você. — Ele sorri e depois franze a testa. — Entretanto, deixarei minha posição de lado um minuto, por mais contraditório que seja, afinal estou te promovendo. Quero lhe dar um conselho. Posso?

— Claro. — Mantenho a postura impassível, enquanto espero. Túlio é a figura paterna mais próxima que me permiti ter e eu não cheguei a aprender bem o que ter um pai significa.

— Eu sei que você pensa que essa distância que

coloca entre si mesma e o mundo é o que te torna excepcional no trabalho, mas você continuará uma das melhores do ramo, mesmo que permita se abrir. Não são só as pessoas que você defende que precisam de você. — Seu tom é enigmático. — E não é errado precisar de outras pessoas. Você precisa entender que, quando constrói um muro para afastar as pessoas, não está apenas mantendo as pessoas ruins longe. As boas também ficam do lado de fora.

Não sei bem como reagir ao conselho, então agradeço e volto para a minha sala.

Que semana intensa! Sei que Túlio quer o meu bem, mas acredito mesmo que o trabalho é onde devo colocar o meu coração. As pessoas que ajudo dependem disso.

Contudo, se tenho tanta certeza, por que a vontade de ir lá fora e contar as novidades para o André não passa?

Reluto uns instantes até que saio da sala. Observo André pela porta de vidro. Seu semblante está abatido. Ele quase não tem aparecido no escritório e, quando vem, não fica muito. Acho prepotência pensar que é por minha causa, mas é estranho que tenha começado a acontecer depois daquela noite.

Eu nunca respondi a última mensagem e ele me deixou em paz. De certa forma, era o que eu queria, mas uma melancolia boba me invade quando penso nisso. Ah, por que me deixo afetar assim?

Estou prestes a virar as costas, quando André me nota. Ele passa a mão na testa e a suja de terra, sem

perceber. Seu olhar não desgruda do meu e ele não se move.

Eu não sabia que o silêncio era capaz de ser tão ensurdecedor.

Não sei o que as pessoas fazem quando o coração dispara como o meu está disparando. Não gosto de ser tão descontrolada assim.

André responde à pergunta de um dos seus funcionários e aproveito para voltar para a minha sala, sem olhar para trás.

Uma sensação estranha aperta meu peito ao fechar a porta. É assustador, mas juro que senti meu coração parar de bater por um instante.



— Precisamos comemorar, mulher! — Branca fecha a porta da minha sala.

Há pouco, Carla esteve aqui para me cumprimentar também, feliz por mim, como eu ficaria por ela.

— Sei que você vai pensar em algo interessante. — Eu me refiro à comemoração.

Empolgada, Branca dá uma porção de sugestões para a noite. Continuamos conversando sobre o caso em que ela está trabalhando e que a manteve longe do escritório nos últimos dias. Até que seu celular toca e ela lê uma mensagem, arregalando os olhos.

— Você soube do André? — Pergunta, enquanto digita uma resposta.

— Não. Ele estava no jardim, mais cedo. O que houve? — Fico em alerta.

Branca coloca o celular na mesa e começa a dizer o que sabe.

— A irmã dele está bem? — Pergunto no final do relato.

— Está internada. A gravidez é de risco e parece que vai nascer prematuro. Os médicos disseram que não sabem se vai passar do Natal.

— Era ele na mensagem? — Meu coração se aperta. Meu Deus, é por isso que ele foi embora no meio da noite e quase não para mais no escritório.

— Não. Era o Bernardo. A Vivi contou para ele e o Rafa contou para ela. Não sei como ele soube, mas ele e o Lex são os mais próximos do André. — Branca tagarela

sem parar até que presta atenção em mim. — Luiza, você está bem? — Aperto o celular entre as mãos, tentada a ligar para o André, mas ele nunca me contou nada sobre a família e os problemas da irmã. Talvez uma mensagem minha seja invasiva demais. — Está tudo bem?

Sem poder me segurar mais, conto tudo a Branca, desde a noite que passamos juntos e o quanto fui idiota quando ele me procurou.

— Não sei o que fazer. — Balanço a cabeça ao terminar o relato.

— Como não sabe? Liga para ele. Vai para o hospital. Sei lá, cacete! Só faz alguma coisa! — Branca ergue as mãos para o alto. — Não sei mais o que fazer para ajudar vocês dois. Até da vidente contei para ele.

— Você o quê? — Eu me levanto e começo a

andar pelo escritório. Estou tensa demais para ficar parada.

— Ah, eu mandei um áudio bêbada para ele, naquele dia da balada, mas acredita que ele nunca nem ouviu? — Também se levanta e vem até a minha frente.

— Branca, não dá para levar a sério a Rosalinda. Que previsão é essa? Toda linear. Ela devia era ser escritora de fantasia. — Aperto minha testa e expiro ruidosamente. — A questão nem é essa. André e eu ficamos e foi maravilhoso. — Percebo que ela está maluca para me perguntar por detalhes, mas não dou espaço. — Já cansei de reconhecer o quanto ele é um cara incrível, mas nenhum de nós estava disposto a se abrir. E agora sabendo a real situação da irmã dele, entendo por quê.

— Quer dizer que você não vai falar com ele?

— Quero dizer que preciso pensar.

— Como vocês são difíceis, meu Deus! São tão perfeitos um para o outro que até são igualmente estúpidos. Depois do Bernardo e da Clara nunca pensei que fosse passar por isso de novo. Afe! Por quê? Por quê? — E sai da minha sala, por pouco não batendo a porta.

O que eu posso fazer?

Parte de mim quer ligar, quer se mostrar preocupada, quer ir até onde o André está e dizer que ele pode contar comigo. Mas e se eu for e ele não me quiser lá? É um momento particular. Nós nos conectamos, sim, mas foi o suficiente?

Sinto meu peito sufocar como se fosse a minha irmã que estivesse no hospital.

Acho que a resposta está aí: o que eu gostaria que ele fizesse se estivéssemos em lados opostos dessa equação?



This year's love had better last
Heaven knows it's high time
I've been waiting on my own too long
when you hold me like you do
It feels so right
I start to forget
How my heart gets torn[30]

"This Year's Love"

— A culpa é minha. — Minha mãe diz, como se

fosse uma confissão, na recepção do hospital. — Se eu tivesse tido coragem de deixar seu pai, a Manuela não estaria nesta situação.

A princípio, não sei bem o que dizer. Durante anos, eu a culpei por não ter ido embora com a gente. Só a maturidade e o trabalho voluntário na ONG me fizeram ver o quanto é difícil para uma mulher sair de um relacionamento abusivo. Ainda mais se houver criança envolvida.

Estamos os dois aqui, enquanto Manuela faz uma série de exames.

— Se há um culpado aqui, ele está morto. — Não consigo ocultar certa frieza ao falar do meu pai. — E, infelizmente, por mais que eu a ame, Manu fez suas próprias escolhas. Jamais a culparia, mas agora ela tem

que pensar no bebê também.

— Ela pensou. — Minha mãe fala com tanta propriedade que me surpreende. — Naquela noite, antes de deitarmos para dormir, vi sua irmã pesquisando sobre todas as consequências que o consumo de álcool e drogas terá na vida do bebê. Muita coisa ruim pode acontecer.

— Eu sei.

— Então entenda o que ela fez em um momento de desespero. Só nós sabemos o tamanho exato da escuridão que carregamos. — Estica a mão e coloca a minha entre as delas. — Você é feliz, André?

A pergunta faz com que eu a encare, espantado. Sei que ela pode me ler e enxergar meu coração. Não há como me esconder dela.

— Eu estou bem, mãe.

— Não foi isso o que perguntei.

— Você consegue ser feliz sabendo o que a Manuela vive? — Devolvo a pergunta.

— Eu sou mãe dela. — Responde como se isso justificasse tudo.

— E eu sou o irmão, que precisou ser pai e fez de tudo para salvá-la, falhando todas as vezes.

— Meu anjo, ninguém tem o poder de salvar outra pessoa além de si mesmo. Podemos ajudar, estar presente, segurar a mão... — Acaricia a minha. — A verdade é que ninguém salva quem não quer ser salvo. O que podemos fazer é torcer para que a Manuela escolha se salvar. E nem isso nos dará garantias. Teremos um longo caminho pela frente. Não há dúvida de que vamos precisar de você, mas você também precisa cuidar de si mesmo.

Família é importante e a base de tudo. Sei como se sente. Não se anule tentando nos salvar. Não se esqueça de buscar a sua felicidade também.

Abraço-a e beijo seu rosto. Posso ver o quanto é difícil para ela dizer todas essas coisas. É provável que essa tenha sido a conversa mais longa que já tivemos. Fruto talvez de chegarmos ao ápice do estresse.

Meu celular vibra no bolso.

A surpresa por ver o nome da Luiza no Whatsapp faz meu coração acelerar.

Oi, André.

Pensei muito antes te enviar essa mensagem.

Não sei como você a interpretará.

Soube da sua irmã.

Sinto muito que esteja passando por isso.

Sinto muito se estou sendo invasiva.

Sinto muito por não saber se devo ou não estar presente nesse momento.

Parte de mim queria estar aí e te apoiar.

E a outra parte diz que isso não é da minha conta e você quer estar com a sua família agora.

Se houver algo que eu possa fazer, não hesite em me pedir.

Sinto muito também por sequer saber como me portar sem que haja toda essa formalidade entre nós.

Eu te disse que não costumo ter muita sorte no Natal, mas se isso puder ser compensado de alguma forma, meu pedido é que você receba tudo de bom que merece.

Você é um cara incrível.

Precisa saber disso.

Feliz Natal.

Leio e releio a mensagem. Quando aceitei a proposta do Túlio para trabalhar no escritório, não imaginava que minha vida pessoal seria tão envolvida. Achei que seria mais um projeto, como tantos outros.

Penso em responder e sou interrompido. Mila cruza as portas que levam à emergência e vem em nossa direção.

— A Manuela entrou em trabalho de parto.

— Mas é muito cedo ainda. — Minha mãe se desespera. — Ela acabou de completar vinte e sete semanas.

— O bebê tem chance? A Manuela corre riscos? — Tento ser prático.

— Sim e sim. — Mila responde com a voz branda. — Sempre há riscos. Preciso voltar para lá. O bebê é meu paciente. — Trocamos um olhar significativo. — Farei tudo o que estiver ao meu alcance.

Observo-a se afastar, calado. Pedindo a Deus por um milagre.



Ando de um lado para o outro no hospital e perco a noção do tempo.

Quando Mila retorna, acompanhada do obstetra, meu sangue gela.

— Sua irmã vai ficar bem. — O médico começa. — Ela está sedada. O parto se iniciou devido a uma forte crise de abstinência.

— Quanto à bebê — meu coração dá um solavanco ao ouvir a Mila. Uma menina. —, ela está bem debilitada e sofrendo, mas está sendo monitorada e pretendo lutar por ela.

O médico dá uma olhada estranha para Mila, talvez por ela se envolver tanto com uma paciente.

Podemos ver minha irmã por alguns instantes e, horas mais tarde, Mila vem me buscar para conhecer minha sobrinha.

Nos últimos dias, enquanto estive esperando por notícias, li que bebês prematuros têm mais chances de sobreviver se tiverem contato corporal. Normalmente isso

é feito com um dos pais, mas Manuela não tem condições para isso e só Deus sabe onde o pai está.

Então, Mila pede que a enfermeira me prepare. Tiro a camisa e ela higieniza meu peito. Sento-me numa poltrona, dentro da UTI neonatal e espero.

Mila vai até uma das incubadoras e fala com doçura com minha sobrinha. Ela empurra o carrinho até perto de mim e só então vejo a bebê.

Ela é tão pequena que sinto medo de parti-la ao meio. Mila a acomoda sobre meu peito, ajeitando os fios da medicação e tubos que a ajudam a respirar.

Tento ser forte, por ela, e apoio minha mão em suas costas. Sua pele é tão fina que parece que vai se rasgar a qualquer momento.

Seu pequeno corpo começa a tremer com muita

força.

— Ela está com frio? — Estou assustado.

— Não. O quarto é climatizado.

— O que ela tem?

— Crise de abstinência. — Não esconde sua tristeza. — Fale com ela. Dê amor a ela.

Com a voz embargada, começo a falar com minha sobrinha e implorar para que seja forte por nós.

Seu sofrimento me deixa desolado. Eu a tenho nos braços por poucos minutos e já a amo mais do que tudo. Sinto-me como aquele menino de dez anos que precisava proteger a irmã. *Ah, meu anjo, como queria que meu amor fosse o suficiente para salvar você.*

Não consigo lutar contra as lágrimas e, quando olho para Mila, vejo-a chorando comigo.



Dois dias depois e é véspera de Natal. Nunca imaginei que até um lugar frio como o hospital pudesse ser envolvido por essa época.

Manuela foi transferida para o quarto. O pior da crise de abstinência já passou, apesar de ainda não sabermos como ela reagirá. Como minha mãe repete sempre, será uma longa jornada.

— Decidi. Ela vai se chamar Diana. — Minha irmã diz com um sorriso. —, como a Mulher Maravilha.

— Um nome digno. — Beijo sua testa.

A pequena Diana sofre ainda mais com a crise de abstinência. Na madrugada de seu nascimento, teve uma

parada cardíaca e achamos que a perderíamos. Mas ela é uma guerreira e segue lutando.

Minha mãe saiu para buscar algumas roupas e logo mais virão buscar Manuela para ficar mais um pouco com a filha.

— Me perdoa, Dé. — Manu fala de repente.

— Pelo quê? — Acaricio seu rosto com o dorso da mão.

— Por ter desistido. Por não aguentar prosseguir e te fazer me encontrar no meio de uma poça de sangue.

Balanço a cabeça, tentando afastar a lembrança.

— Basta não fazer aquilo de novo, Manu.

— Não, não basta. Prometo tentar melhorar. Estou com medo, mas vou tentar.

— Tentar é tudo o que você precisa. Aos poucos,

vocês duas ficarão bem. E vão contar comigo para sempre. Sem mais fugas.

— Obrigada, por tudo. — Ela pega minha mão e a beija, emocionada. — O que vai fazer hoje?

— Como assim? Vou ficar no hospital com você, a mãe e com a Diana.

— Não vai não. Você respondeu a mensagem da Luiza?

— Como sabe dela? — Estou boquiaberto.

— Eu ouvi você conversando com o Rafa enquanto pensava que eu estava dormindo. — Dá um sorriso travesso.

— Não, não respondi. — Resolvo dizer a verdade.

— Por quê?

— Porque não é só ela que não sabe como lidar com esse sentimento.

— E isso significa o quê? Que vai ficar cada um em um canto sem saber como reagir ao outro. — Manuela continua. Dou um sorriso triste, sem saber como responder. — Eu estou bem, Dé. Eu sei que não vai ser como um passe de mágica, mas vou lutar e minha filha também vai. E sei que você sacrificaria sua própria vida por mim, pela mãe e pela Diana, mas acho que está na hora de cuidar de você também. Lembra quando eu era pequena, a gente ficava assistindo a filmes no Natal e eu dizia que era uma época linda em que parecia que tudo pode acontecer.

A imagem de minha irmã criança, andando descalça pela casa à procura do Papai Noel inunda meus

pensamentos.

— Você não parava quieta.

— Isso porque você estava lá. Você fazia com que tivéssemos a melhor noite. Não importava o que vivêssemos. Quando eu te fazia qualquer pedido, você respondia que tudo pode acontecer na véspera de Natal. — Manuela aperta minha mão. Seus olhos lacrimejam e um sorriso doce brota em seus lábios. — É Natal, Dé. Tudo pode acontecer.

Ainda estou pensando no que fazer, quando recebo uma mensagem da Branca:

A Mila me disse que as meninas estão melhorando.

Estou superfeliz!

Agora quer fazer o favor de ouvir a merda do meu áudio, cacete!



Under a trillion stars
We danced on top of cars
Took pictures of the stage
So far from where we are
They made me think of you
They made me think of you
Oh lights go down
In the moment we're lost and found
I just wanna be by your side
If these wings could fly[31]

"Wings" - Birdy

— Eu já falei o quanto a Luiza está sendo idiota hoje, amor? — Letícia pergunta ao marido, me provocando, depois do jantar.

— Algumas vezes. — Renato me ajuda a tirar a mesa.

— Bom, logo vai dar meia-noite e poderei recomeçar a contagem. — Minha irmã franze o nariz na minha direção.

— Calma, mamãe — Michele dá pulinhos e fala com a boca cheia de biscoito de canela. — Vovó Lucinda já disse que a tia Lulu vai beijar o moço.

— Afe. — Reviro os olhos, jogando um guardanapo em minha sobrinha. — Vocês não têm mais o que fazer em vez de cuidar da minha vida?

Um sonoro não ecoa pela sala de jantar. Desde que

cheguei que todos não param de falar sobre André.

— Só queremos o seu bem, meu anjo. — Vó Lucinda me abraça pela cintura.

— A Michele não tem nem idade para falar sobre isso. — Insisto sob o olhar indignado da pequena.

— O que podemos fazer se ela é igualzinha a você quando criança e adora ficar ouvindo a conversa dos adultos? — Minha vó bagunça os cabelos da bisneta.



Estou sentada na varanda, observando as pessoas que passam, cantando músicas natalinas, quando Letícia se senta a meu lado.

— Você sabe que eu te amo, não sabe? — Ela

envolve o braço no meu e acomoda a cabeça no meu ombro.

— É claro que eu sei. Até quando é uma chata.

— Eu sou chata porque te amo! — Finge estar zangada.

— Eu sei, Lelê.

Ficamos em silêncio, inspirando o perfume da noite, de mãos dadas, como muitas vezes quando éramos crianças.

— Você vai fazer seu pedido na praça hoje? — Letícia pergunta, me fazendo olhar para ela.

— Como sabe que eu ainda faço isso?

— Não sei. — Ela dá de ombros.

— Você ainda pede algo para você no Natal?

— Não, Lulu. — Eu me sinto meio boba por um

instante. Logo eu, toda cética, fazendo pedidos de Natal, enquanto Letícia, a sonhadora, não faz nenhum. — Para de pensar bobeira. — Faço uma careta e depois sorrio. — Eu tenho tudo o que preciso. Então, deixo o Papai Noel com pessoas que dão trabalho de verdade: você.

Ela cutuca minha barriga, como quando éramos pequenas. Rimos até o ar faltar e em seguida pergunto algo que sempre quis saber:

— O que você pediu naquele primeiro Natal depois do pai ter ido embora?

— Para ter uma vida cheia de amor e uma família que não fosse embora. — Responde com simplicidade e alegria por saber que conquistou o que desejava. — E você?

— Para nunca me apaixonar.



Fui salva pela Michele mais cedo, que nos buscou para assistirmos a um filme natalino fofo da Netflix. É o segundo de hoje. Normalmente eu não reclamaria. É um dos meus passatempos favoritos no Natal. O problema é que cada vez que os protagonistas ficam juntos minha vó me dá uma cutucadinha.

Depois da quinta vez, eu me levanto e digo que vou dar uma volta. Letícia estreita os olhos. Sei que não vou escapar de continuar a conversa mis tarde.

Faltam poucos minutos para a meia-noite e a cidade está festiva. Há sons e músicas natalinas vindo de todas as casas.

Cumprimento algumas pessoas enquanto caminho até a praça central. Quando estou em frente da casa do Papai Noel, é inevitável pensar em André e na primeira vez que nos beijamos.

Minha família gosta de me provocar, mas o que não contei a nenhum deles é que André não respondeu à minha mensagem. Acho que isso significa que ele quer ficar longe. Não sei bem como reagir.

— Você o encontrou?

Eu me sobressalto ao ouvir a voz da Rosalinda a meu lado.

— Quem, Rosalinda? — Nem sei por que pergunto.

— Você luta demais contra os seus sentimentos, Luiza. Não há dor que não possa ser curada pelo amor,

lembra? — E assim como apareceu, ela se vai embora.

Observo-a se afastar. Ela leva sua vida de um modo único, e isso não quer dizer que esteja errada. Às vezes, acreditar é tudo o que precisamos fazer, não é mesmo?

Um arrepio me envolve quando toco minha cicatriz. André nunca perguntou sobre ela. Isso mostra o quanto respeitamos o espaço um do outro. Nós curtimos o momento sem derrubar nenhuma barreira.

Pela primeira vez, depois de anos levando relacionamentos exatamente desse modo, estou triste. O que aconteceria se eu o deixasse entrar? Não há nenhuma certeza de que André abriria a porta para mim. E se eu me expuser por nada?

Pego o celular e releio a mensagem que enviei a

André. Quanta coisa pode ter acontecido para que ele não me respondesse?

Olho para a casa do Papai Noel e me lembro da primeira noite em que estive aqui e de todas outras que voltei na noite de Natal, sempre para fazer um pedido.

E se hoje eu fizesse diferente?

E se eu tomasse uma decisão?

E se o destino estiver de fato em minhas mãos?

Chega. Não vou mais depender de nenhum "e se".

Fecho os olhos, como quando era pequena e, em vez de pedir, deixo o medo ir embora:

— Eu me rendo, vou atrás dele assim que amanhecer.



And warred with yourself
Just put your heart in my hands
I promise it won't get broken
We'll never forget this moment
It will stay brand new
'Cause I'll love you
Over and over again[32]

"Over and over again" - Nathan Sykes feat Ariana Grande

— E tirar de mim a oportunidade de ver Quatro

Estações na noite de Natal? — Pergunto com um sorriso no rosto. Luiza vira tão abruptamente que tropeça e teria caído se eu não a segurasse. — Será que esse negócio de tropeçar vai virar tradição?

Ela apoia uma mão em meu peito e cobre a boca com a outra, ainda se recuperando da surpresa de me ver.

— O que está fazendo aqui? Sua irmã está bem? Sua sobrinha? — É tudo o que consegue dizer.

— Vai ser uma longa jornada, mas elas vão ficar bem. E eu estou aqui porque eu não conseguiria esperar até amanhecer, como certas pessoas, sabe? — Finjo uma expressão de desilusão.

— Tudo aconteceu tão rápido. Eu não sabia se você queria me ver. Não sabia se ia querer dividir comigo o problema da sua família. — Sua sinceridade ganharia

meu coração, se ele já não fosse dela. — Não sabia nem se estava pronta para deixar que você entrasse na minha vida.

— Só tem um jeito de responder a cada uma dessas dúvidas. — Acaricio seu rosto devagar.

— Tentando? — É a primeira vez que consigo captar insegurança em Luiza.

— Isso. Quando parece que há toda uma conspiração querendo nos juntar, quem somos nós para contrariar? — Sua confusão é divertida. — Eu finalmente ouvi um certo áudio.

— Ah, meu Deus, a Branca é louca.

— Completamente, mas parece que ela tem razão.

— Não é possível que você acredite nisso, André.

— É véspera de Natal. Tudo pode acontecer. —

Eu a abraço, forte. Era algo que quis muito fazer nos últimos dias. Ela se aconchega em mim. Suspiro, me sentindo em paz. — Não é estranho que mesmo nos protegendo tanto, acabamos nos expondo tão completamente um para o outro?

— Eu não faço ideia do que me fez querer abrir a porta para você. — Nós nos encaramos, gosto de como nossos olhares sempre revelaram mais do que nossas palavras.

— Acho que temos a mesma fechadura e, por consequência...

— A mesma chave.

Luiza ergue o rosto e beija meu queixo ao mesmo tempo em que as pessoas espalhadas pela praça começam a contagem regressiva para a meia-noite. Não consigo

mais esperar e tomo seus lábios, permitindo que o contato nos dê o que nos negamos por tanto tempo. Nós nos beijamos em meio aos fogos, felicitações e canções de Natal.

Quando finalmente nos afastamos, ouço uma garotinha gritando e dando piruetas a nossa volta. Luiza dá uma gargalhada. Vejo um casal e uma senhora, que se aproximam sorrindo.

— Ah, meu Deus! Que lindo! Que lindo! — A menina rodopia e depois para, de repente, com as duas mãos no rosto. — Espera aí! Mas é esse o moço certo, né?

— É, sim, pequena. — Luiza me abraça, bem forte. — É o moço certo.

— Sua família? — Pergunto, beijando seu rosto.

— Sim. É bom estar preparado.

— Espere só até conhecer a minha. — Sorrio, segurando sua mão. — Ah, antes de nos apresentarmos, me diga — Dou um olhar significativo para a casa do Papai Noel. — Qual será o seu pedido esse ano?

Entrelaçando os dedos aos meus, Luiza começa a caminhar para perto de sua família. Depois faz uma pequena pausa, se vira para mim e sorri:

— Além de ainda querer que você receba tudo que merece, não vou pedir nada. Tenho tudo o que preciso exatamente aqui.



Recadinho da autora: SIM, ainda teremos a história da Manuela e da pequena Diana!



"Em suas mãos" nasceu depois de um sonho. Assim como Rosalinda, eu os vi e quis contar sua história.

Há muito tempo venho pensando em publicar pela Amazon e conhecer mais essa plataforma.

Agradeço a Rozeli Melo, Lari Azevedo e Mari Scotti por insistirem que eu escrevesse e publicasse, além de serem minhas amigas e entrarem na correria insana de

serem minhas leitoras beta. A Lari também é responsável pela a capa e diagramação maravilhosas.

Agradeço a outras amigas e beta: Daniely Melo, Mayara Cruz, Nohane Carvalho e Lela Belli. Obrigada por cada "mas você está com medo de quê?". E a Lela, em especial, por ajudar na revisão quando a maluquinha aqui achou que o tempo não seria suficiente.

Aos meus filhos, pelos dias de ausência, em que os personagens me sequestram e lutam para não me devolverem tão cedo. Aprendo muito com vocês e divido cada uma das minhas conquistas. Já deu certo, meus amores.

À minha família, em especial à Bruna por ser a médica dos meus personagens e a Monique, cuja profissão me inspirou a criar o nosso querido paisagista.

Por fim, aos meus leitores queridos, cada palavra escrita é para vocês.

Espero que tenham gostado de mais essa viagem comigo.

Ah! E, se este é o primeiro livro escrito por mim que você lê, quero te contar que esse romance se passa no mesmo universo da série Batidas Perdidas e você pode conhecer a história de vários personagens secundários de "Em suas mãos".

Como por exemplo, Rafael, que é protagonista de "As Batidas Perdidas do Coração" e "A Escolha Perfeita do Coração"; Bernardo, protagonista de "O Descompasso Infinito do Coração" e Branca, que protagoniza "O Desapego Rebelde do Coração".

Com exceção dos dois primeiros, todos são

independentes, mas se quiserem ler na ordem cronológica, é esta acima.

Também sou autora do romance “Como se fosse magia” e de um conto no livro “As Fases da Lua”.

Todos esses livros você encontra nas melhores livrarias do país e também em formato e-book, na Amazon.

E, como eu já disse, se você gostou da Manuela e ficou querendo mais, algo me diz que ela ainda tem muito o que contar.

É um prazer e grande felicidade dividir histórias com vocês.

Obrigada por me acompanharem nesta jornada.

[1] Eu estou mudando, assumindo o comando da minha vida/ Eu estou mudando, sim, eu sei disso/ Eu estou indo começar outra vez, estou deixando meu passado para trás/ Eu mudarei minha vida, eu farei um voto/ E nada vai me parar agora

[2] Passou um tempo, não sou quem eu era antes/ Você parece surpreso, suas palavras não me queimam mais/ Eu tinha a intenção de lhe dizer, mas acho que está claro/ Não fique bravo, essa é apenas uma nova versão de mim.

[3] Esse é o porquê de eu estar tranquilo/ Estou tranquilo como uma manhã de domingo/ Eu quero estar nas alturas, bem alto/ Eu quero ser livre para saber que as coisas que faço estão certas

[4] Porque eu sou uma Supermulher/ Sim, eu sou, / Sim ela é./ Até mesmo quando eu estou uma bagunça/ Eu ainda coloco uma roupa com um "S" que no peito/ Sou uma Supermulher

[5] Amanhã é um outro dia/ mas estamos presos no ontem/ como a tinta de um pintura/ estamos escondidos no quadro/ Nós torcemos para que não nos vejam/ mas tudo o que queremos é ser vistos

[6] Apenas saiba que você não está sozinha/ Porque vou fazer deste lugar o seu lar

[7] Se eu pudesse apenas ver você/ Tudo estaria bem/ Se eu pudesse ver você/ Esta escuridão se tornaria luz/ E eu caminharei na água/ E você me pegará, se eu cair/ E eu me perderei nos seus olhos/ Eu sei que tudo vai ficar bem/ Eu sei tudo está bem

[8] Então, agarre-se a esperança, amor/ Procurei por todo canto por você, por você/ Cada dia fica mais perto/ Então segure-se mais forte em mim e você/ Algum dia em breve, eu vou te encontrar/ Algum dia em breve, vou conhecê-lo

[9] Amarrei seus sapatos enquanto você sentou e observou a chuva/ As mãos dobradas em seu colo, e o trabalho maçante de tintas em todo o seu rosto/ Mamãe pelo corredor bíblia pressionada contra seu peito/ Quando ela jurou que o diabo se esconde em tudo/ E seu quarto foi o único refúgio seguro que

restou.

[10] Você quer ter tanta certeza/ Cada passo que você dá/ Você não pode sempre saber o que está por vir/ Você não pode sempre confiar na reviravolta do destino

[11] Um anjo caído, nas trevas/ Nunca achei que você ia cair tão longe/ Anjo caído, feche os olhos/ Eu não vou deixar você cair esta noite/ Anjo caído/ Você faz tudo isso por minha própria proteção/ Você me faz sentir como se eu fosse ficar bem/ Ainda tenho tantas perguntas/ Como você se mantém tão forte?/ Como você esconde tudo por tanto tempo?/ Como posso tirar a dor?/ Como posso salvar

[12] Há uma série de degraus vacilantes/ Entre minha mente e meu coração/ E não há muita coisa que os incomode/ Aqui vamos nós de novo/ E uma vez que começou, é tão difícil parar/ De repente, fui lembrado de coisas que tinha esquecido/ Você me faz largar ideias que eu planejava seriamente

[13] Fale e abra a sua mente/ É algo que você deveria fazer o tempo todo/ Continue explorando, procure e ache/ Você sabe que pode se surpreender.

[14] Ela incendeia, ela incendeia cidade/ Ela incendeia a cidade em chamas/ Queima como um milhão de isqueiros/ Eu estou indo para cima, eu não poderia chegar muito mais alto.

[15] Eu sou uma mulher/ Uma mulher com um coração/ E eu mereço tudo de si/ Eu não sou uma garota que não sabe o que quer/ eu sou uma mulher/ E eu preciso ser tocada/ E eu preciso ser amada.

[16] Não me importo onde vamos dormir hoje à noite/ Não me importo se é aqui dentro ou lá fora/ Você sabe o que fazer/ Dê um passo/ Você pode jogar o seu telefone/ Faz de conta que estamos sozinhos/ Estou falando com você/ Dê um passo, porque estou pronto.

[17] Foi assim que a história aconteceu/ Eu conheci alguém acidentalmente/ Alguém que me tirou o fôlego/ Alguém que me tirou o fôlego/ Foi no dia mais assombroso da minha vida/ Quando você me tirou a tristeza e a dor/ E as enterrou, você as enterrou/ Eu queria poder deitar ao seu lado/ Quando o dia acabasse/ E acordar com seu rosto virado para o sol da manhã/ Mas como tudo o que conheci/ Você desaparecerá um dia/ Então passarei minha vida toda escondendo meu coração

[18] Ela mudaria tudo, tudo, apenas pergunte para ela/ Presa entre o belo desastre/ Ela precisa apenas de alguém que a leve para casa/ Ela dá aos garotos o que eles querem/ Tentando agir tão indiferente/ Com medo de ver que perdeu sua direção/ Ela nunca permanece a mesma por muito tempo/ Supondo que vá entender tudo errado/ Perfeita somente na sua imperfeição.

[19] Oh você está dizendo essas coisas doces que eu nunca ouvi antes/ Eu posso dizer que você se importa, sem dizer uma palavra/ Eu nunca conheci ninguém como você antes/ Não quero ir muito rápido, mas eu quero mais/ Você não tem que se preocupar, nós estamos indo no nosso tempo/ Podemos falar sobre qualquer coisa/ Bem, baby, isso é bom/ Contanto que você esteja rindo também/ Você tem o sorriso mais adorável que eu já vi.

[20] Vá com tudo, vá com tudo/ Nunca se esqueça desta noite/ Vá com tudo, vá com tudo/ É sobre isso que é a vida/ Então vá com tudo o que você sabe.

[21] Você já sofreu bastante/ E guerreou consigo mesmo/ Está na hora da sua vitória/ Suba neste barco naufragante e guie-o pra casa/ Ainda temos tempo/ Eleve sua voz esperançosa, você tem escolha/ Você fez a sua agora.

[22] Quando o medo leva te dominar/ Quando a dúvida te derrubar/ Você não está sozinho neste barco/ Você me pegou

[23] Estive correndo da dor/ Tentando não sentir o mesmo/ Mas é uma pena que estejamos afundando/ Veja, minha confiança está abalada/ E há uma vaga no meu coração/ Então você tenta preenchê-la/
Você diz "Eu posso consertar seu coração partido/ Você vale a pena ser salva, querida'/ Mas eu não sei por que você está arriscando/ Eu não tenho fé em nada.

[24] Este mundo está ficando mais frio/ Estranhos passando/ Ninguém te oferece um ombro/ Ninguém te olha nos olhos/ Mas estive procurando você/ Por muito, muito tempo/ Apenas tentando compreender/
Tentando te fazer minha/ Todos querem uma chama/ Mas não querem se queimar/ Bem, hoje é nossa vez

[25] Se você soubesse quanto esse momento significa pra mim/ E quanto tempo eu tenho esperado pelo seu toque/ Se você soubesse quão feliz você está me fazendo/ Eu nunca havia pensado que eu amaria tanto alguém/ Parece que eu estou em casa/ Parece que eu estou em casa/ Parece que estou no

caminho de volta pro meu lugar

[26] E não precisa se preocupar que isso é perda de tempo/ E não há necessidade de imaginar o que está na minha mente/ É você/ É você/ É você

[27] Por favor, não veja/ Só uma garota presa aos sonhos/ E fantasias/ Por favor, me veja/ Tentando alcançar alguém/ Que não consigo ver

[28] A essa hora você já deve saber que eu viria por você/ Por mais ninguém, sim eu viria por você/ Mas só se você me dissesse pra vir/ E eu lutaria por você/ Eu mentiria, é verdade/ Dar minha vida por você/ Você sabe que eu sempre viria por você/ Você sabe que eu sempre viria por você

[29] Eu não quero ficar sem você, amor/ Eu não quero um coração partido/ Não quero respirar sem você, amor/ Eu não quero ter esse papel/ Eu sei que amo você mas me deixe dizer/ Eu não quero amar você de nenhuma maneira, não não/ Eu não quero um coração partido/ Eu não quero ser a garota de coração partido/ Não, não, não sou nenhuma garota de coração partido

[30] O Amor deste ano deveria durar/ Deus sabe que já está na hora/ Tenho esperado sozinho há tempo demais/ Mas quando você me abraça desse jeito/ Tudo parece tão certo/ Eu começo a esquecer/ Como o meu coração foi dilacerado

[31] Sob um trilhão de estrelas/ Nós dançamos em cima dos carros/ Tiramos fotos do palco/ Tão longe de onde estamos/ Eles me fizeram pensar em você/ Eles me fizeram pensar em você/ Oh as luzes se apagam/ No momento em que estamos achados e perdidos/ Eu só quero estar ao seu lado/Se essas asas pudessem voar

[32] Apenas coloque seu coração em minhas mãos/ Prometo que não vai ficar partido/ Nunca vamos esquecer este momento/ Vai permanecer revigorado/ Pois eu vou te amar/ Várias vezes